Nº 11
13-3-52

A CENA muda

CR$ 3,00
EM TODO
O BRASIL

NESTE NÚMERO

CINEMA

★

RÁDIO

★

Novidades

★

ENREDOS

★

ATUALIDADES

★

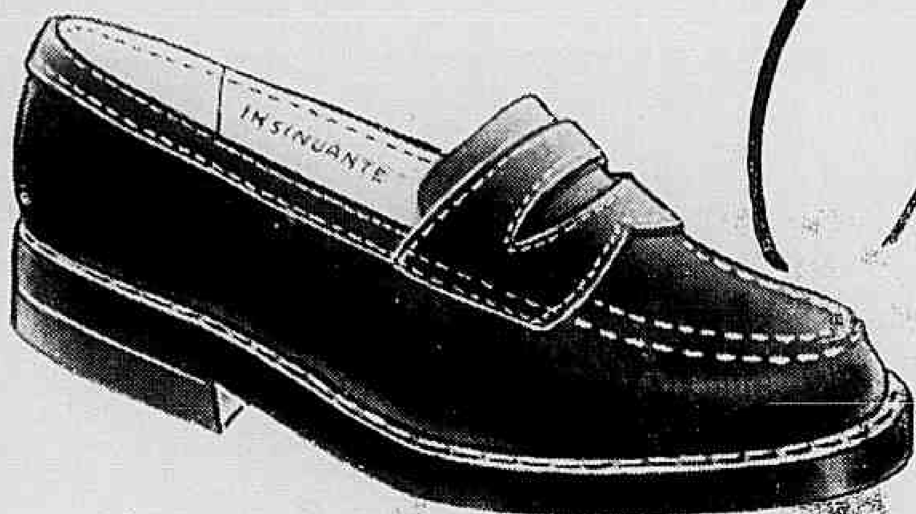
CINEMA NACIONAL

(OS MELHORES DE 51)



BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro

Mande os seus filhos á ESCOLA!



109



110



111



112

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

109 28 a 32 Cr$ 140,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo adotado pelas principais escolas do País. (ótimo Bezerro prêto ou marron). Saltos de Borracha.

110 22 a 27 Cr$ 100,00 — 28 a 32 — Cr$ 135,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo em vaqueta preta ou verniz. Saltos de Borracha.

111 28 a 32 Cr$ 135,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00 Sapato cem por cento colegial, para moças, em superior vaqueta preta, c/Salto de Borracha. Um grande sapato!

112 28 a 32 Cr$ 125,00 — 33 a 36 Cr$ 135,00 — 37 a 44 Cr$ 150,00. Ótimo sapato para meninos, rapazes e cavalheiros, em superior vaqueta preta.

Remetemos para todo o Brasil Porte 5 cruzeiros Não fazemos reembôlso postal

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMO9

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

O caso aconteceu em Junho do ano passado, mas ainda está atual. Quando o impassível e sereno Barney Balaban se preparou para ler a sua plataforma, na abertura da Convenção da Paramount em Hollywood, a expectativa era normal. Uma mensagem típica de Presidente com as mais agradáveis frases sôbre "Maior" e "Melhor".

Mr. Balaban, entretanto, fêz um comentário rispido e mordaz a respeito da "Arte" e sua indústria que, sob certas circunstâncias, deve ser considerado como algo sensacional sob cândido senso comum. Oficialmente, estava falando para os "vendedores" dos filmes da Paramount mas, na realidade, êle estava se dirigindo à Indústria, com advertimento da realidade, mostrando o caminho a trilhar. Pediu, e algumas vêzes indiretamente, o abandono das vaidades dispendiosas da "Pura Arte" em consideração ao fato de que a tela de diversões, mesmo naquele recanto de sonhos e laranhaes que é Hollywood deve, primeiro, procurar servir melhor aos seus fregueses, ao público formado pelo homem comum, para poder sobreviver diante da concorrência. Estas são algumas das suas frases:

— Ao apresentar duros fatos econômicos, prefiro arriscar ser chamado de pessimista do que de negligente, daqui há um ano.

— Cortar despesas não é a única solução para os problemas. Não devemos ousar produzir filmes muito ricos. Muitas vêzes ficamos apaixonados por certas idéias e não nos dissuadimos de realizá-la diante das razões práticas contrárias.

— O filme é realizado com tôda a beleza, mas quando é apresentado ao mercado, perdemos todo o dinheiro que gastamos. Isto tem-se repetido inúmeras vêzes. Simplesmente, nada podemos tirar do filme, não importando a maneira gloriosa com que os críticos o aplaudiram.

— Credores não lêem crônicas quando vistoriam a nossa conta de lucros e perdas.

★

CAVALCANTI fêz questão de declarar aos quatro ventos que não ia ao Festival de Punta Del Este. Todos os cronistas acreditados junto ao Instituto em formação deram grandes notas explicando que, diante de tanta briga, êle tinha tomado a grande decisão de não ir. E Elza Soares Ribeiro, do "Diário Trabalhista", não falhou com a sua nota a respeito. Cavalcanti afirma que foi convidado pela direção do Festival e organizou uma lista de representantes que não foi aceita por outros que se muniram de pistolão, etc. Mas é natural. O Instituto ainda está em formação e ainda não representa o Cinema Brasileiro. Não vamos aqui discutir as credenciais das figuras indicadas por Cavalcanti mas também foram convidados todos os estúdios aqui no Brasil. Existem a Associação de Cinema Brasileiro, o Sindicato das Emprêsas Cinematográficas, a Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos e o Filme Clube do Brasil, que se fêz representar recentemente no Congresso Mundial de Londres e, meses antes, num Congresso Italiano. Uma reunião entre estas entidades poderia talvez fornecer os representantes legais. Mas assim, na surdina, embarcar à última hora um grupo sem consultar os cordatos... membros da nossa colônia cinematográfica, tinha de dar confusão. Mas Cavalcanti não precisava usar o seu vasto e antigo departamento de publicidade para desculpar-se, para não perder o seu cartaz, porque não representaria o Brasil Cinematográfico naquele Festival...

Brevemente vai haver dois ou três Festivais por mês em Punta Del Este, mas cada vez com menos filmes. Em Punta Del Este houve coquetéis-dançantes onde, às vêzes, também havia umas sessõezinhas de Cinema. Cavalcanti não precisa ficar triste. Já compareceu ao Festival passado no mesmo local e ninguém estrilou. Foi êle e um grupo da Vera Cruz e lá exibiram também "Caiçara". O importante, como nos jogos olímpicos, é comparecer, concorrer, não é tirar prêmios. A Veneza também foram outros filmes por sua iniciativa e Lima Barreto brilhou com aquêle "short" do quadro, muito interessante, mas muito cacete também. Aqui nunca se pensava em comparecer a Festivais. Foi Cavalcanti que lançou a moda. Antes, só Humberto Mauro assim também por decisão de Roquete Pinto: "Vai o Mauro", o interessantíssimo diretor brasileiro compareceu a Veneza levando modestamente duas produções do Instituto Nacional de Cinema Educativo, "Vitória Régia" e "O Céu do Brasil". Em 1938 ninguêm mais poderia apresentar filmes... não haveria dinheiro para fazer uma cópia...

★

PRODUÇÕES DE WALT DISNEY

DEPOIS de "Peter Pan", Walt Disney pretende filmar "A Bela Adormecida". Tudo desenho e música de Tchaikowsky. Com artistas em carne e osso, em technicolor, "As Vinte Mil Léguas Submarinas", o célebre livro de Júlio Verne. Há quem se lembre da versão da Universal, feita em 1917? Allan Holubar, Jane Gail e Matt Moore eram os principais artistas, sob a direção de Stuart Paton. Na Inglaterra, onde Disney movimenta o seu dinheiro que não pode viajar para os Estados Unidos, produzirá "When Knighthood Was In Flower", refilmagem de "Marie Tudor", que estreou aqui no Rio no Avenida e no Ideal no dia 20 de Agôsto de 1923. Os principais eram Marion Davies e Forrest Stanley, sob a direção de Robert Vignola.



Ethel Wales, com Louisa Fazenda e Otis Harlan numa cena de «Herdeiras a Sôlta»

Ethel Wales

morreu. Embora mais conhecida dos fãs de outros tempos, vamos dar aqui o nosso "adeus" à sincera e modesta artista. Ethel nasceu em Passaic, New Jersey e foi educada na Madison University, em Winsconsin. Começou a trabalhar na Lasky Feature Co. com os irmãos De Mille, mas como auxiliar do escritório. William era o cenarista e Cecil o diretor. Êles eram como seus pais e mentores. Depois apareceu outro diretor, Oscar Apfel. O estúdio era uma velha cocheira e as ex-baias eram os camarins. Ethel trabalhava no departamento de elenco. Olhava aquela multidão de figurantes e apontava com o dedo: Você!

Ela contava que neste tempo Sam Wood era extra, nas horas vagas do seu serviço de corretor. Von Stroheim trabalhava sempre por que era obediente.

Uma vez, barrou Theodore Roberts, com quem mais tarde trabalhou na versão cinematográfica da peça "Miss Lulu Bett". Dedicou-se, com tôda lealdade, aos serviços da emprêsa durante seis anos.

Um dia, os De Mille acharam que ela era uma rara combinação de comédia e aspecto humano. Cecil disse:

— Você pode não ter "sex-appeal", mas tem "laugh appeal". E um tipo da realidade. Mais difícil de encontrar do que uma mulher bonita.

E Ethel passou a ser artista. Ganhou fama com "Os bandeirantes", o célebre "Covered Wagon". Seria longo relacionar todos os seus filmes. Quase uma centena dêles, em vários estúdios. "O êrro de Madame", "Uma pequena das muitas", ao lado de Clara Bow. "O Segrêdo do Médico", "Na trama das paixões", "O criminologista", "Elas por elas", "Chefe, Mestre e Amigo", etc., etc. Em "Janelas da Alcova" teve grande destaque.

E até hoje, embora mais raramente, metia a cara num filme. Um dos últimos foi "Tarnished", da Republic.

MODÊLO 19:



Vindos dos mais distantes países, êles encontram no Brasil o seu verdadeiro lar. Um mundo de sonhos trazem no cérebro, e a eterna esperança no coração... (Cena de Modêlo 19» — Multifilmes).

A PONTE DA ESPERANÇA

VINTE E NOVE DIAS PARA A REALIZAÇÃO DE UM FILME ★ AS RUAS DA CAPITAL PAULISTA SERVIRAM DE CENÁRIO PARA FOCALIZAR O DRAMA DO EMIGRANTE NO BRASIL ★ ATÉ UM NAVIO FOI CONSEGUIDO

De PAULO KALAMAR, especial para A CENA ★ Fotos de EDUARDO TANNON



MARIO CIVELLI
«Nada é impossível»

São Paulo, fevereiro.

QUANDO algum navio, procedente do estrangeiro, atraca o cais, em qualquer pôrto, o viajante pode contrair o rosto das mais diversas formas. O turista abre a bôca, estupefato, e fica a admirar a paisagem. Pensa nos lugares bonitos que irá conhecer, nas farras noturnas que a cidade lhe pode proporcionar, na aquisição de novos conhecimentos geográficos, na aprendizagem de um novo idioma. Mas quando o navio traz em seu bôjo um punhado de emigrantes, com destino ao Brasil, a expressão é sempre a mesma: é a dúvida e o mêdo, a incerteza do futuro que o aguarda. Êle parece esquecer o passado, quando se lembra que sua situação pode ser legalizada com a aquisição da carteira "modêlo 19", e uma nova visão lhe invade o cérebro inquieto: é a esperança que nasce. Viver e morar em terra estranha que, muito breve, será sua própria pátria. Pensa em radicar-se ali, viver ali, constituir família, construir um lar. Trabalhar e morrer no país que escolheu para ser sua própria casa. Dissipam-se o mêdo, a dúvida, a incerteza; resta-lhe a esperança que se alastra em seu coração e se estampa em sua face. A brisa calma do mar de um novo pôrto lhe sopra do rosto aquelas rugas adquiridas sabe-se lá à custa de quanto sofrimento e quantas privações.

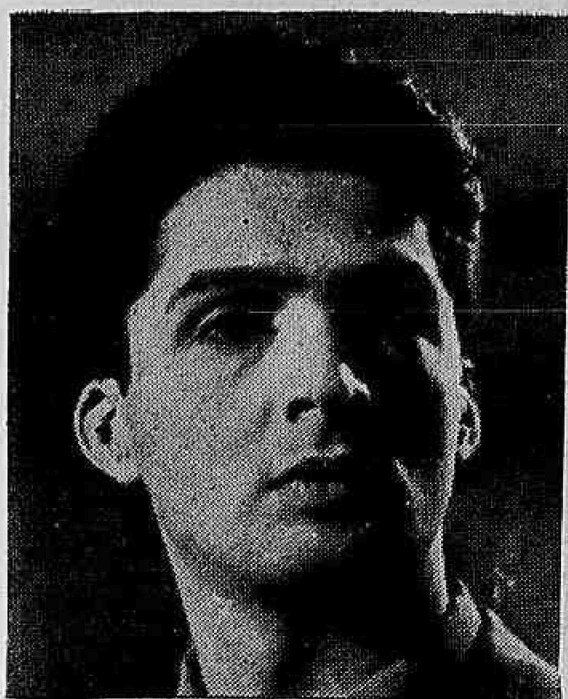
★

Mário Civelli é, evidentemente, um homem de grandes empreendimentos e

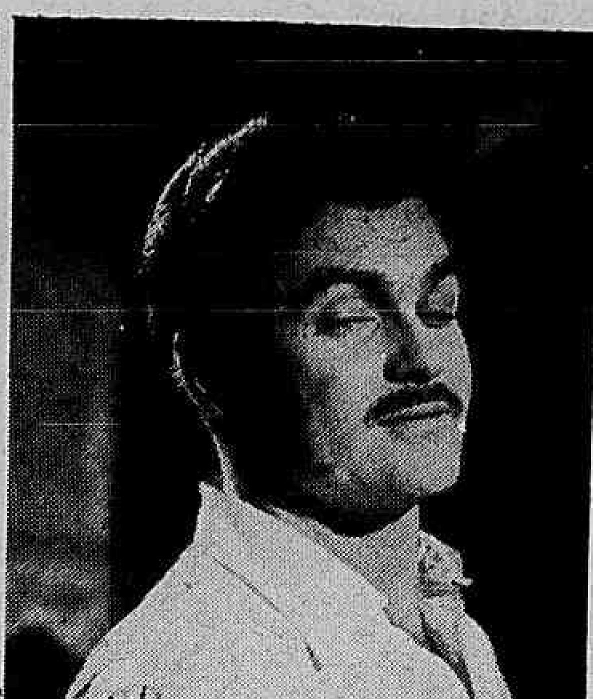


ILKA SOARES
Elen, francesa

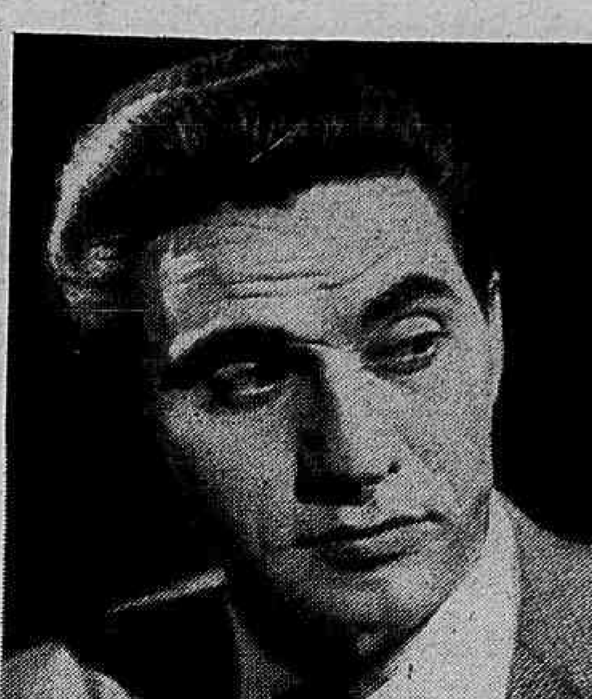
A carteira "Modêlo 19" lhes garantirá igualdade de direitos



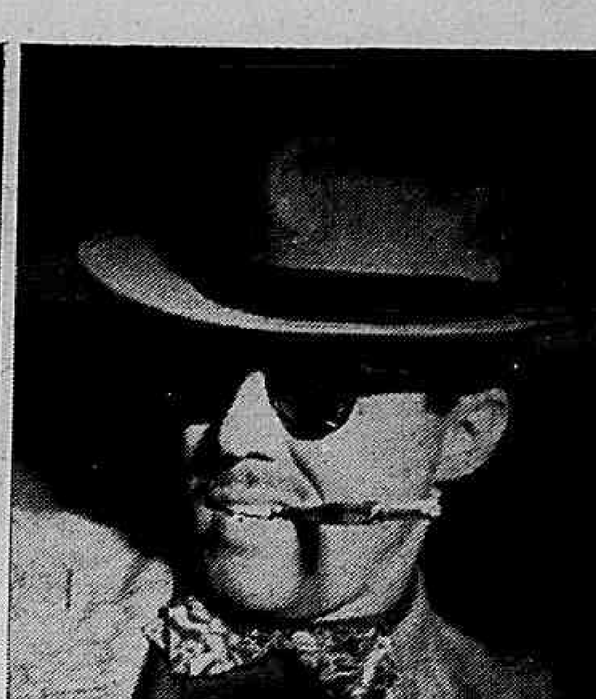
SÉRGIO BRITO
Brasileiro



JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS
Carol, nacionalidade indefinida



LUIGI PICCHI
Giovanni, italiano



ARNALDO FIGUEIREDO
Dono da oficina, brasileiro



MIRO CERNI
Stefano, polonês



JAIME BARCELOS
Hanz, mestre de escola, austríaco



WALDEMAR SEYSSEL
Juca, brasileiro

grandes realizações. Foi êle quem construiu o gigante da Maristela. Muitas acusações lhe são feitas, sob os mais falsos pretextos, como, de fato, sofre qualquer homem de capacidade. Orson Welles, até hoje, não realizou um único filme sem as habituais perseguições de seus gratuitos inimigos, inimigos de seu talento de homem empreendedor. No que toca a capacidade de realização, Civelli assemelha-se muito a Orson Welles; não teme obstáculos, vai tocando seu trabalho para frente. E aí está, agora, como produtor independente, realizando

(Cont. na pág. 32)



Ilka Soares e José Mauro de Vasconcelos, numa cena de «Modêlo 19», produção de Mário Civelli, para a Multifilmes.

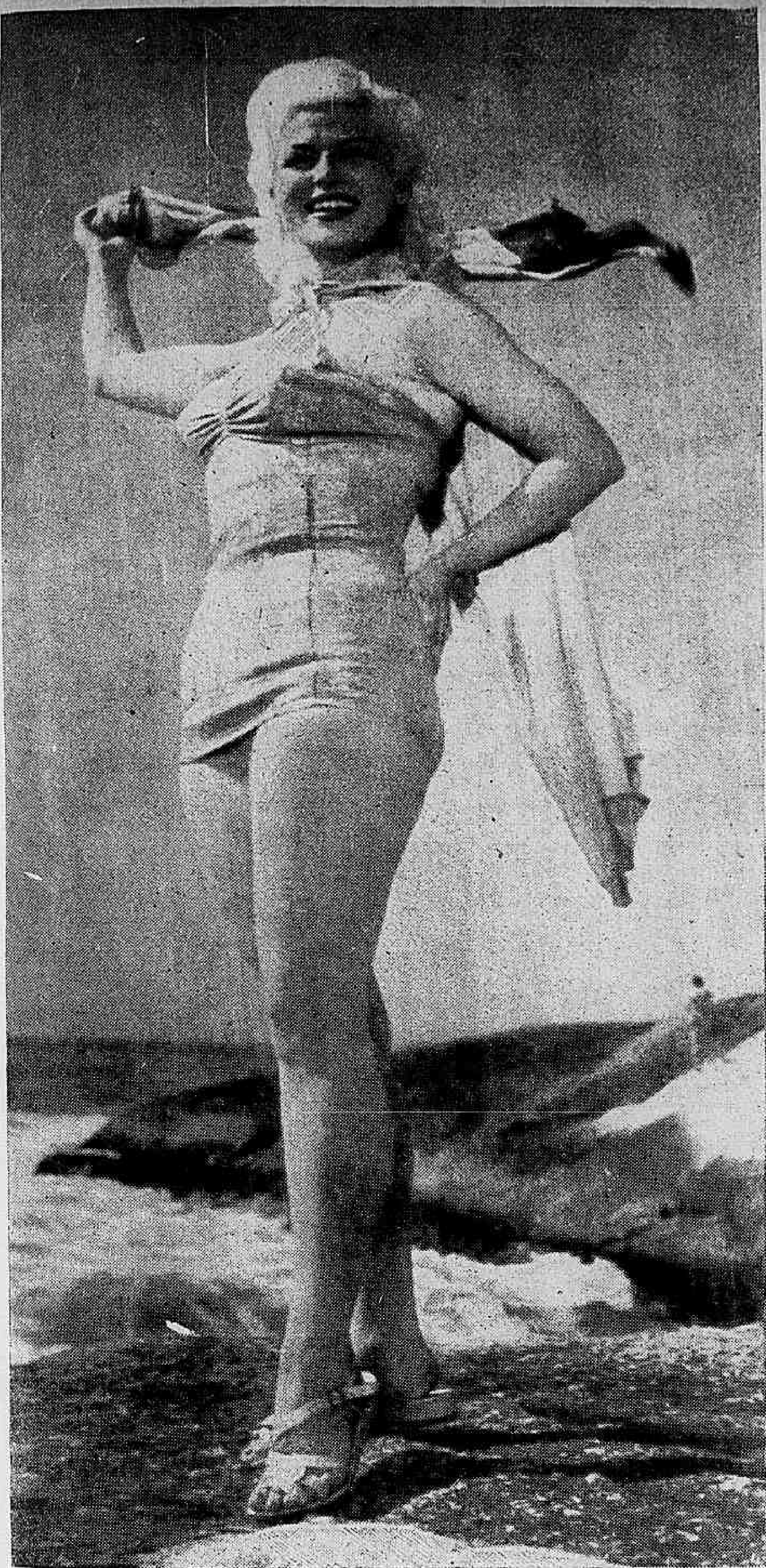


Os cinco emigrantes: Miro Cerni, Luigi Pichi, Jaime Barcelos, José Mauro de Vasconcelos e Ilka Soares.

RICHARD
STAPELY

(U.I.)

Mãe e filha no mesmo filme





Terezinha Carvalho é filha de Mára Rúbia. Uma grande artista. No teatro fêz sucesso ao lado de Dulcina em «Mulheres». Foi escolhida para dublar a protagonista de «Alice no País das Maravilhas» de Walt Disney. Dizem que rouba «Brumas da Vida».

MARA RÚBIA, novamente no Cinema



Primeiras cenas do filme «Brumas da Vida», da Cinelândia Filmes do Rio. Argumento de J.B. Tanko; fotografia de Hélio Barroso Netto e direção de Eurides Ramos

Posso marcar a data da minha viagem ao Rio?

(De Gilberto Souto especial para A CENA)



Carmen Miranda e Edward Robinson ladeados pelos donos da boite «Chez Paree», de Chicago, onde ela estêve trabalhando.

AGORA estava anunciada uma visita de Carmen Miranda ao Brasil. Cavalcânti também já lhe tinha telegrafado para trabalhar num dos seus muitos estudados filmes e ela tinha concordado, porque estava querendo mesmo dar uma voltinha pelo Rio de Janeiro. Agora vinha mesmo. Por isso, fomos pedir a Carmen uma palavra sôbre a data certa da sua partida. Carmen chegou no dia 19 de fevereiro de Las Vegas onde fêz um sucesso extraordinário. Sucesso de verdade. Os seus "shows" estavam sempre de lotação esgotada. E' incrível o seu permanente êxito desde 1939, nos Estados Unidos. Continua a ganhar muito dinheiro mas tem de dar 67 por cento ao Govêrno...

No dia seguinte já estava ensaiando para um programa de televisão. Ensaiou vários dias. O programa foi no domingo, dia 24 de fevereiro. Cantou três canções e tomou parte num "sketch" com Danny Thomas, comediante armênio-americano que ficou muito popular depois do seu sucesso no filme da Warner "I will see you in my dreams".

À noite, depois do programa que se realizou às 5 horas da tarde, seguiu de avião para Houston, no Texas, para fazer duas semanas de "shows" no fantástico hotel Shamrock. Depois fará dez dias em Dallas, no Baker Hotel. E antes já tinha estado em Chicago, cantando no Hospital de Feridos da Coréia, e no "Chez Paree". Mas no dia 22, quando a esperávamos, soubemos que tinha vindo da Paramount. Carmen não tem segredos para mim e embora pedindo para não publicar coisa alguma por enquanto, disse que tinha estado em grande conferência com o produtor Hal Wallis, acertando o contrato para um novo filme que iniciar-se-á em 23 de abril. O filme não será colorido desta vez e nêle Carmen cantará três números especiais do seu repertório particular. Êstes números são adaptados para ela pelo nosso Aluísio de Oliveira e Ray Gilbert. Cada número custa-lhe 2 mil dólares e são os que ela canta em "boites" ou teatros nas suas "tournées". Coisa muito especial para a sua personalidade. Carmen aparecerá neste filme da Paramount ao lado de dois grandes comediantes da moda: Dean Martin e Jerry Lewis. Êste detalhe também era segrêdo e os leitores iriam pensar que se tratasse de Crosby e Bob Hope quando se noticiasse apenas que dois grandes comediantes iriam trabalhar ao seu lado... Mas já foi para o Rio o telegrama contando tudo isso...

Carmen representa o papel de **Carmen Miranda**... Parte da história se passa num navio, entre Nova York e Havana. Ela vai a Havana trabalhar num "night-club". Há cenas de comédia entre ela e Dean Martin e Jerry Lewis. Canta um número especial com Jerry Lewis — o maior maluco do cinema. Cantará, do seu repertório particular, "Cumaná" (canção cubana. Disseram-me que é conhecida no Brasil) com letra em português de Aluísio de Oliveira, e outra canção com motivo havaiano. Assim — estúdio

(Cont. na pág. 34)



Este retratinho foi enviado a Carmen por um marinheiro americano ferido na Coréia, quando de sua visita ao Hospital de Chicago


Para os leitores da Cena
A saudade da
Carmen

Cinema BRASILEIRO

Guido Padovani, que realizou "Conflito", da Oceania Filmes, de S. Paulo, anuncia agora que fará "Um amor e Sete Pecados", em tecnicolor. O argumento é de Dias Gomes, da Rádio Clube.

O filme não será feito pròpriamente pelo processo da "Tecnicolor", mesmo. Será colorido pelo sistema da "Ferrania". Aguardemos.



Brasileiros e franceses, biografarão Santos Dumont no Cinema, anunciou Nicolas Mounnem, representante da Uni-France-Film, com grande solenidade no auditório da A.B.I. Será filmado, parte na França e parte no Brasil, sob a direção de Yves Allegret e Cavalcanti, respectivamente.



O próximo filme da Flama terá, afinal, o título de "Com o diabo no corpo". Luís Delfino, Virgínia Lane e Margot Louro, são os principais.



Maryland numa cena emocionante... de «Estrada da Vida», baseado num romance de Dirza Simões Diniz e sob a direção de Tânia Simões. A equipe técnica da produtora, «Terra do Brasil» é constituida só de mulheres



Roque Cain e Lia de Moura numa cena de «Estrada da Vida»



"O Estado", de Niterói, anuncia que Cavalcanti também está estudando a montagem de um estúdio em Nova Friburgo, contando com auxílio de capitalistas dessa cidade.



E agora uma notícia publicada pela "Última Hora" do Rio:

"UM SOBRADÃO ANTIGO — O sr. Alberto Cavalcanti não pára de trabalhar para o cinema nacional. Na manhã de hoje êle acordou em São Paulo, às 5 horas da manhã, e preparou-se para bater pé. O grande diretor de cinema vai iniciar uma série de filmagens para a "Maristela" e êle em pessoa resolveu procurar um sobrado de casa velha para as "tomadas" iniciais. Cavalcanti andou de casa em casa à procura de um sobradão antigo, com tôdas as características de luz e espaço para a filmagem. Não encontrou ainda, mas se encontrar oferecerá 60 mil cruzeiros para que o proprietário ou inquilino atual se retire imediatamente.

Cavalcanti tem planos e trabalha com determinação dentro do espírito inglês a que se acostumou."

PALCO ROTATIVO

UM novo crítico teatral? Não, apenas uma nova seção onde o teatro será o assunto principal e o tema dominante. Aqui será mais um cantinho onde as coisas do nosso teatro encontrarão acolhimento e guarida. Mesmo porque, uma publicação moderna como a "Cena Muda", em sua nova orientação, não podia esquecer do nosso movimento teatral, atualmente em acentuado progresso. Ainda se compreendia o descaso de antigamente pelas atividades dos nossos palcos pelo diminuto número de elencos funcionando e a assustadora quantidade de "chomeus" da profissão, à espera de salas de espetáculos. Mas hoje, assunto é que não falta com o teatro invadindo os bairros da cidade, com ingressos bastante significativos até pelas "boites" noturnas...

Credenciais para o desempenho da missão? Seria até uma novidade exigir-se isso de um cronista teatral! Se bastar um acentuado amor pelas coisas da ribalta, um interêsse sempre crescente por tudo que seja espetáculo, aqui e pelo mundo afora, minha longa carreira de autor, (sím, porque minha primeira revista de parceria com Luís de Barros data de 1932), se tudo fôr bastante de mistura com um pouco de bom senso, pitadas de gôsto artístico e muita honestidade de atitudes e independência de espírito — acredito que, modéstia àparte, a escolha foi acertada. O público é que dará sua última palavra...

CÉSAR LADEIRA

Jorge Dória que estreou na Cinelândia como ator de cinema, aparece agora «in person» no mesmo local como galã do elenco de Eva Todor. Tem boa figura e é elemento que fará sucesso.

★

Mára Rúbia está descançando em Belém do Pará. Descançando, tratando de engordar, matando saudades da terra natal... Mas existe a possibilidade da querida «platinum blonde» voltar ao elenco de Walter Pinto em sua temporada em São Paulo. Nada é impossível...

★

Será mesmo que Virgínia Lane deixará o teatro? Difícil de acreditar. Êsse micróbio custa largar a gente...

★

O «Século Ilustrado» de Lisboa faz costumeiramente uma crítica teatral «sui generis»: em versos. Não resistimos à tentação de transcrever as deliciosas impressões de «O Poeta Caldas» sôbre a peca de Genolino Amado. «Avatar», pela companhia de Dulcina. Eis os versos:

«Um professor, um vidente,
com um turbante de véus
que o transforma em feiticeiro.
troca as alminhas da gente
como quem troca os chapéus
à saída do barbeiro.

Desta comédia é o eixo.
Êle é quem gera o ar trágico
e da farsa a idéia cria;
é pera, e tem-na no queixo
como convém a um mágico
da sua categoria.

E' um tipo excepcional.
Do que já passou dá conta,
do que vem bebe do fino...
Com a bola de cristal
faz o «goal» sem[illegible] que aponta
às balizas do destino.

Ah, Dulcina, quantas palmas
te daria com empenho
se êsse pera — grande artista
nisto da troca das almas —
metesse aquela que eu tenho
dentro de um capitalista.»

★

Procópio fará mais umas férias teatrais. A Maristela convenceu-o mais uma vez de filmar «Simão, o Caolho», baseado no romance de Galeão Coutinho. O papel principal feminino está entre Olga Navarro e Conceição Santamaria, que esquecerá momentâneamente suas atividades políticas para lembrar-se de seus tempos de Regina Maura. Quem diria, hein?

NOTAS

EM conversa com o cronista, Alda Garrido contou que esta gastando os tubos para a montagem de «Madame Sans Gêne», no Rival. Será um sucesso, temos certeza, pois Alda, mais do que nunca, terá oportunidade de demonstrar que é a nossa maior atriz característica.



Cena de teatro americano: o nosso conhecido Melwyn Douglas, Patricia Benois, Karla Stoddar e Signe Hasso em «Good Tidings», de E. mabley. Melwyn também foi o diretor



Uma «première» em Roma: cena da peça «L'Amore dei Quattro Colonnelli» da autoria de Peter Ustinov, com um tema muito sugestivo, repleto de malícia e ironia, um espetáculo leve e de muito senso teatral. Conflito entre o Bem e o Mal, representados, respectivamente, por uma fada e o espírito maligno. Quatro Coronéis, representando as quatro potências ocupantes, passeiam numa zona alemã depois da Guerra. São levados pelo Bem e pelo Mal à presença da Bela Adormecida, que é a Europa... Cada um dêles faz a sua declaração, à sua maneira e segundo o seu temperamento e a sua educação. Esta é a parte mais gostosa da comédia de Ustinov. O coronel francês representa uma comédia. O inglês dá vida a um drama Elizabetiano. O russo um intermezzo complicado e o americano uma fulminante tragédia de moderno realismo. Enquanto um declama, os outros improvisam platéia e comentam o espetáculo... mas a Bela Adormecida, indiferente a tudo, cai na sua letargia.

Desfazendo a lenda de Victor Mature



VITOR MATURE e Jane Russell numa cena de «The Las Vegas Story», da R.K.O.

SE tôdas as histórias, boatos e anedotas atribuídas a Victor Mature fôssem reunidas, misturadas, sacudidas e examinadas — êle seria o rei do imprevisto, do absurdo e do inesperado. São tantas as histórias sôbre o ator, desde que começou no cinema — um verdadeiro turbilhão. Lembram-se daquela dizendo que êle morava numa barraca? Depois foi chamado e ficou conhecido como "o bonitão"... não falando na anedota que guardava o seu dinheiro enterrado no fundo do quintal...

Tudo tem estado muito sereno, ùltimamente, no "front" Victor Mature — coisa difícil, pelo menos por 5 minutos! O jornalista decidiu observar de perto, para ver se a notável inclinação de Vic, para fazer o inesperado, estava ainda em alta tensão ou tinha moderado o ritmo. Vic estava co-estrelando o filme "Las Vegas Story", com Jane Russell, no estúdio da RKO. Não é préciso guia ou cicerone para saber em que "set" está trabalhando o nosso herói. E' ali, naquele, cheio de gente, barulho e gargalhadas, sem a menor dúvida. Depois de terminar uma cena com Jane Russell, Vic levou o repórter para o seu camarim.

— Qual é o negócio?

— Bem... — começou o jornalista com timidez, receando a reação do ator. — Que tal desfazer um pouco essa lenda sôbre Mature? O público deixará de ficar indeciso entre o louco alegre e o sábio solene... Em resumo, um ator de tanto talento como você deve traçar a linha de separação entre sua verdadeira personalidade e as lendas malucas que a publicidade tem fabricado para sua fama.

— Se lhe agrada, para mim está ótimo! — respondeu Vic com um sorriso.

— Em primeiro lugar, vamos destruir êsses boatos de que você começou sua carreira em Hollywood, morando numa barraca. Isto é verdade?

— Mentira! — retrucou Vic. — Confesso, com tôda a franqueza. Quando entrei para o cinema estava morando num caixote vazio de piano, em Pasadena. Foi sòmente durante o meu segundo filme que me mudei para o quintal da casa de um amigo e armei uma barraca.

— Mas por quê?

— E' tudo um caso de subtração. Recebi, pelo meu primeiro filme, 800 dólares.

— Quer dizer, por semana?

— Não, meu caro, pelo filme todo. Dêsses 800, tire 400 para gastar no guarda-roupa. Você sabe que um artista tem que fornecer seus próprios trajes e o papel que eu tinha arranjado, era o de um grã-fino elegantíssimo! Imagine só. Subtraindo 10 por cento para o meu agente, veja se pode dividir o resto para as despesas diárias durante 4 meses. Eu tive que esperar êsse tempo todo — e até mais — para saber se o estúdio ia renovar a minha opção e contratar-me.

— A barraca, então, foi por economia?

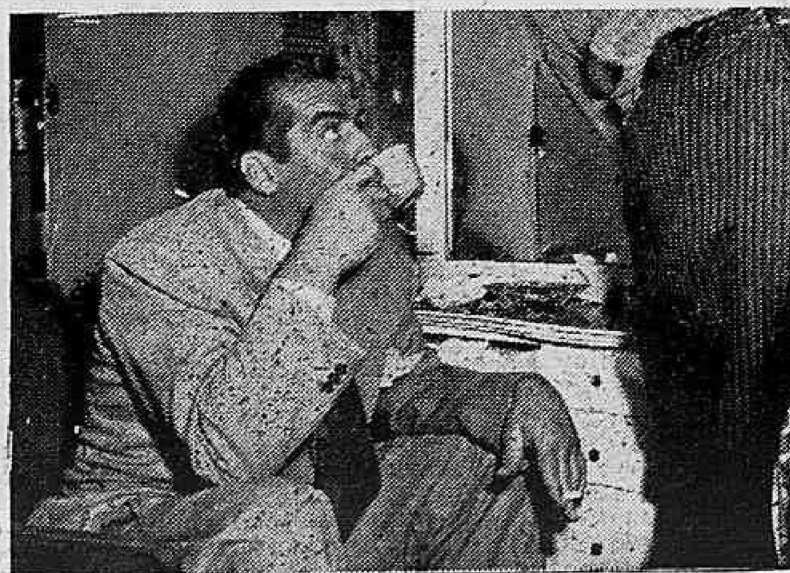
— Foi por necessidade — corrigiu êle. — Durante meus dois filmes seguintes, continuei com a promessa de que, se o público gostasse realmente de mim, o estúdio me daria o contrato. Esperei primeiro quatro meses. Depois seis. Depois mais três. E assim por diante...

Afinal, aborrecido e enjoado com Hollywood, Vic seguiu o seu gênio estourado e impulsivo, embarcando para New York.

— Consegui 375 dólares emprestados e rumei para New York. Alguns meses depois, sem dinheiro, consegui um papelzinho na peça de Gertrude Lawrence, "Lady in the Dark".

Foi nessa peça, como os fãs devem se recordar, que o diálogo em cena o chamava de "bonitão". Essa denominação tornou-se motivo de piadas por parte de seus amigos e, eventualmente, a imprensa passou a usá-la como a marca registrada de Mature.

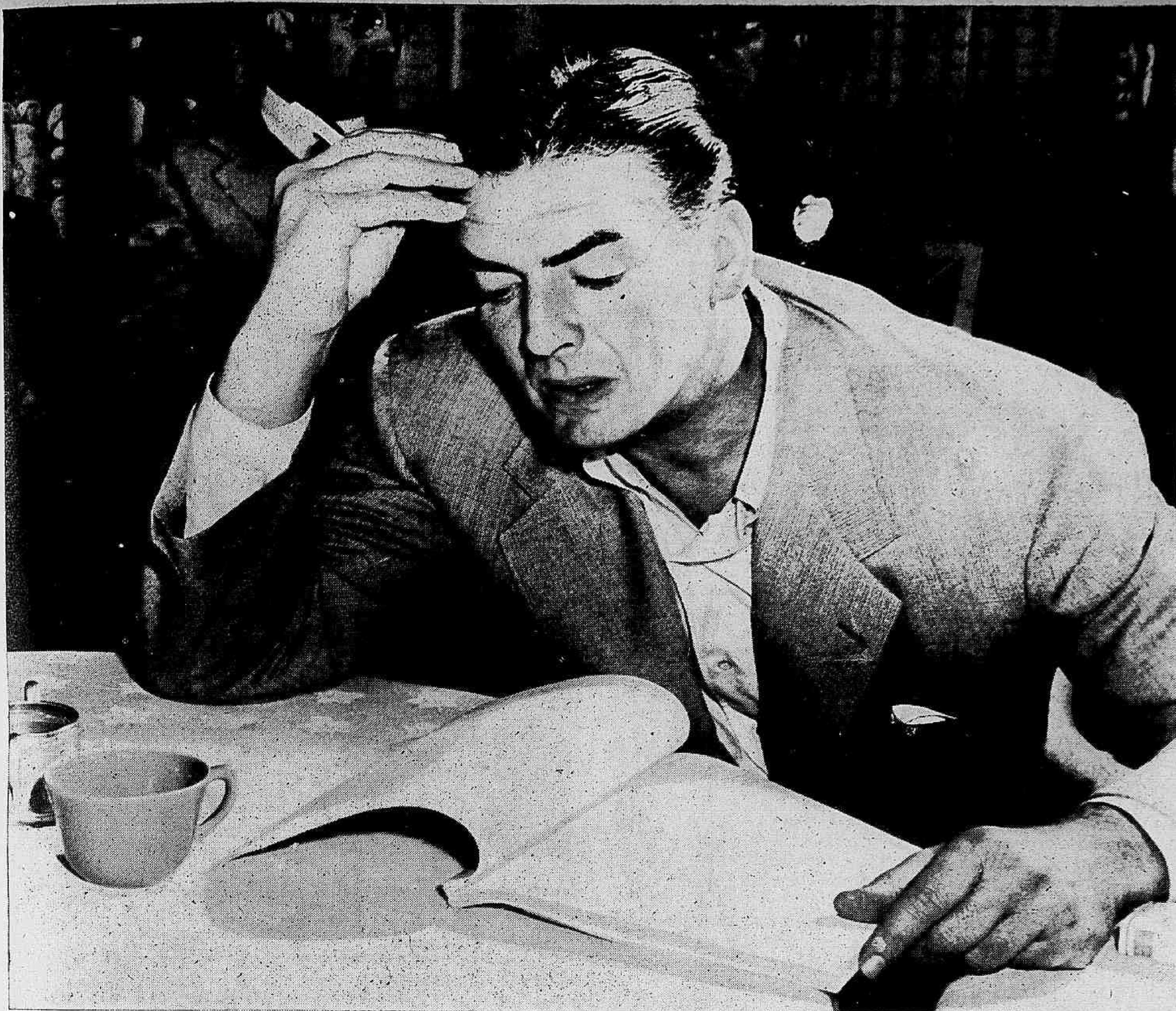
— Nesses dias eu estava vivendo, realmente, ganhando 750 dólares por semana na peça. Pois não é que justamente nessa época tão boa, o estúdio resolveu pôr em exercício a minha opção?! Eu estava comprometido com êles a 350 dó-







Durante a filmagem e com Jane, novamente



Estudando os diálogos...

lares por semana. Contrataram-me e embolsaram os 400 dólares extras, que eu recebia na peça. Fui o único ator a dar lucros para um estúdio, mesmo sem estar fazendo filmes!

O boato sôbre Mature que o jornalista mais desejava averiguar, era o caso do dinheiro enterrado numa latinha, no quintal. Esta lenda precisava ser desmanchada.

— Não sei como essas mentiras se espalham! — sorriu Vic. — Imagine, dizerem que eu enterrava dinheiro no quintal — êle estava sempre atrás do sofá!

E, diante da expressão assombrada do jornalista, o galã continuou:

— Certa vez, eu estava sendo entrevistado, um pouco antes de ir servir no corpo de Salva-Vidas. O repórter indagou: "Que faz com o seu dinheiro?". Eu respondi: "Amigo, puxe o estufo do sofá onde está sentado e descubra você mesmo. Êle tirou o estufo e achou 26.000 dólares.

Victor tinha recebido um cheque nominal, de seu pai, e achara o melhor lugar para guardar, debaixo do divã.

— Lógico, não acha? — perguntou êle. O jornalista estava ficando um tanto confuso. A lenda de Victor Mature estava parecendo mais verdade do que ficção. E resolveu mudar o assunto para as emprêsas comerciais do ator. Vic desejava arranjar trabalho para seu colega Byron Evans, do Corpo de Salva-Vidas. Depois de muito procurar, teve a idéia de abrir uma loja de Televisão, tendo Evans e espôsa como sócios. Êle foi um pioneiro neste ramo — a loja de Victor foi a segunda em TV, em Los Angeles. O jornalista quis saber se o negócio está dando lucros.

— Ah, sim, Buddy está indo muito bem. Já tem um carro novo e uma cigarreira de ouro. Eu? Meu interêsse na loja só serve para aumentar o meu impôsto de renda...

Tanto êsse negócio de Mature, quanto outro sôbre almôndegas em conserva, com seu retrato nas latas, têm sido motivo para inúmeras piadas e brincadeiras por parte de seus amigos. Mas, descontando as brincadeiras, ninguém em Hollywood tem amigos mais leais do que Vic. Seu contrato inclui fazer filmes tanto na 20th Century Fox quanto na RKO Radio — e em todos os dois estúdios seus companheiros de trabalho concordam numa coisa: Victor é boa praça. Qual é o outro artista na cinelândia que lhes dá abatimentos fantásticos — ou almôndegas enlatas para o resto da vida?

Quando Vic dá uma festa, as parades de sua casa, que tem cinco compartimentos, parece que vão estalar. Êste é um dos motivos por que êle comprou novo terreno e espera construir — um dia — uma casa maior.

Há quem suspeite que há um método atrás da loucura de Victor Mature. E contam o que aconteceu num dos primeiros dias de filmagem de "Sansão e Dalila". Vic, que

(Cont. na pág. 34)

VIDÉO

TELEVISÃO! Palavra mágica que faz com que tudo o que acontece no mundo venha até à nossa casa, com a simples volta de um botão. Televisão é o futuro. Com seus poucos anos de vida já conquistou o mundo, ou quase todo o mundo. Por acaso, li um artigo numa revista francesa, muito interessante. Depois de comentar sôbre o número de aparelhos que há atualmente em Paris, toca o ponto das estatísticas populares. Revelam estas que, depois do aparecimento da televisão, decresceram os divórcios na classe média, pois o marido não sai mais de noite para jogar com os amigos ou para falsos trabalhos noturnos. As mulheres, por sua vez, não ficam tão sós com seus pensamentos, pois com a atenção prêsa ao video não arquitetam idéias sinistras. E a TV evita entre os casais as discussões tão comuns, quando não há nada que prenda a atenção dos mesmos.

E' claro que também tem os seus inconvenientes, como no caso da família Durand. A família Durand compõe-se de quatro membros: Papai Durand, mamãe Durant, George e Marie. Mamãe Durant, durante um ano, fêz sérias economias que um dia entregou ao marido para comprar um aparelho de televisão. No dia em que o receptor chegou, a vizinhança tôda foi convidada para assistir aos programas. Isso tornou-se durante alguns dias motivo de reunião de todos os amigos da família, até que um dia a senhora Durand começou a notar que os móveis da sala estavam riscados e queimados pelos cigarros dos tele-fãs. As poltronas já estavam com os braços moles e o tapête todo sujo. Houve reunião de família e foi resolvido que o aparelho seria colocado no quarto do casal. Aí piorou a história, pois a tranqüilidade acabou para o Papai Durand. Na hora da sesta, o filho queria ver os programas seriados. Outra hora, era a empregada, com os programas de arte culinária. Enfim, acabaram colocando o aparelho no quarto de George, pois lá os móveis eram resistentes, não havia tapête nem poltronas. No primeiro dia, tudo ótimo. No segundo, a coisa piorou, pois no melhor da festa surge um anúncio mais ou menos assim: "O programa seguinte é proibido para menores de 18 anos". Não preciso dizer que o aparelho foi vendido no dia seguinte para tranqüilidade da família.

Espero que aqui a televisão não tenha êsses problemas e que levante cada vez mais alto o nome daqueles que lutam para aperfeiçoar a caçula das artes. Talvez a mais difícil: a televisão.

★

A semana da TV Tupi, que começou na quarta-feira de cinzas, foi pobre, pois no Carnaval seus trabalhos foram paralizados. Estranho, pois quando se esperava maior atividade das "câmaras" era justamente no período da folia televisando a maior festa popular brasileira. Apesar de que, honra seja feita, o telejornal sôbre o carnaval foi muito bom, com exceção de algumas piadas de mau-gôsto do narrador.

★

Muito bom também foi o programa da "História do Teatro Brasileiro" que apresentou "Mimosa", de Leopoldo Fróis, com uma belíssima interpretação de Fernanda Montenegro, a melhor figura feminina da TV carioca.

★

"Os fantasmas se divertem" apresentou um programa medíocre com péssimas fusões de imagens.

★

O futebol é sempre uma ótima distração, principalmente com a narração de Ari Barroso. Felizmente suas férias terminaram, pois seu substituto, francamente, estava abaixo da crítica...

★

Também com muito brilho Ari Barroso anima os seus calouros em desfile. Êle é de fato a maior personalidade da nossa TV.



Mary Wells, estrêla da Televisão americana, numa cena de «Big Town», da C.B.S.-T.V., uma combinação de representações no Studio e de «interludes» filmados

A mesa redonda — por sinal, minúscula e quadradinha — não teve o brilho costumeiro. O assunto de "Idéias e Imagens" era de interêsse restrito, o aumento dos funcionários públicos, e entre os convidados nenhum demonstrou grandes qualidades de improvisador e de argumentação.

★

E quinta-feira tem mais...

★

A Televisão da B.B.C. está apresentando os "trailers" dos novos filmes inglêses a estrear-se nos Cinemas de Londres. E os artistas e as demais personalidades dos filmes também aparecem, dando opiniões. Já se pensa fazer o mesmo em S. Paulo. Os "trailers", pelo menos, não vão tirar os freqüentadores dos Cinemas...

★

E' pena que a maioria dos anunciantes da Televisão ainda não compreendam que um letreiro apenas não resolve. E' preciso que tudo seja animado. Anúncios parados não se admitem na Televisão.

★

O cronista francês Roland Fougeres, acha que também a Televisão, como o Cinema, está deseducando o povo. "O Cinema — e quando dizemos Cinema, referimo-nos também à Televisão, pois que, amanhã, estarão indissolùvelmente ligados..."



À esquerda, Dorothy Mc Guire, com um costume de veludo verde-garrafa com cinto e gola de «faille» da mesma côr. Mangas recortadas. Blusa de organdi branco.



Dorothy com um conjunto para passear na praia. Blusa de jersey azul-claro, mangas compridas, arregaçadas. O vestido é de lã azul-marinho com desenhos bordados em côr branca. O duplo cintinho de vermelho e assim o decote e os botões. Saia feita a fio direito, tôda pregueada com bolsos



Soirée de Janet Leigh, de «tulle» verde e renda. Babados da saia de renda. O plissê na parte da fren- A écharpe é de «tulle» vermelho.



Ao lado, Denis Dercel com saia de veludo prêto e blusa de jersey da mesma côr, bordada em pedras verde-esmeralda e missangas douradas. O casaco é de tafetá verde, com gola e punhos de veludo prêto.



Saia de gorgurão de sêda com desenhos verdes, vermelhos, azuis e brancos. Blusa de «voil» branco com gola e punhos justos. O franzido é feito de ponto cruz. Cinto de verde-garrafa. A saia é tôda cortada em panos e levemente franzida na cintura

DON JUAN

Produção espanhola da Chapalo-Films

Direção de José Luís Saenz de Heredia

Don Juan....	**Antônio Vilar**
Lady Outiveiros	**Annabella**
Inês	**Maria Rosa Salgado**
D. Luís Mejia	**Henrique Gultart**
Ciutti	**Ramon Giner**
D. Gonzalo de Ulloa	**Santiago Rivera**
O cigano ...	**Carlos Agosti**



O cigano era também um grande conquistador...

Fevereiro de 1553... Reinado do Imperador Carlos I de Espanha e V da Alemanha. Na cidade de Sevilha, D. Diego Tenório, na hora da morte, toma conhecimento de uma grande notícia trazida por D. Gonzalo de Ulloa, comendador da Real Ordem dos Cavaleiros de Calatrava. Nada menos que o indulto imperial, a garantia do esquecimento de vários delitos graves, cometidos pelo seu filho, o libertino e insubmisso Don Juan, que já tinha sido condenado a morte pela forca.

Neste momento, Don Juan está em Veneza com uma "boa". Tem de fugir e Don Juan se atira de um balcão numa gôndola, onde já o espera o seu leal servidor Ciutti. E o homem cujos beijos eram mais mortais do que a sua espada... logo tem conhecimento do perdão com que o Imperador o agraciara. Apressa-se a regressar a Pátria. Na galera em que embarca, para não desmentir a fama de que em cada hora da sua vida, havia uma mulher, encontra uma inglêsa muito bonita, Lady Outiveiros, que aliás é a nossa muito conhecida Annabella... Invade o seu "camarote" e diz que não sai e ninguém o tira. Lady Outiveiros chama a polícia de bordo, mas acaba suspendendo tôdas as providências de reação, sem poder fugir a sua tentação. E a viagem torna-se mais agradável com a formação daquele par. Festeja-se o Carnaval em Sevilha no dia da sua chegada, que é para o filme ficar mais bonito. Mas Don Juan não adere, e depois de se assegurar de acomodações na hospedaria do seu velho conhecido Laurel, para si e para a Lady que o acompanha, dirige-se para a casa de seu pai, mas Don Tenório já tinha falecido. E o Comendador D. Gonzalo que recebe o filho do seu finado amigo é quem põe a par das condições em que aquêle pode entrar na posse da herança. Completará a regeneração o casamento com sua filha Inês de Ulloa. Don Juan não tem dificuldades em garantir de maneira a mais convincente a sua já completa regeneração e, quanto ao casamento... não pode ser. Unira-se, havia pouco tempo, pelos laços do matrimônio a uma virtuosa dama inglêsa. Combinam encontrar-se no dia seguinte para apresentar a virtuosa Lady e... receber a herança.



Mas quando volta a hos-



D. Juan e a Lady.

pedaria, é informado do desaparecimento de Lady Outiveiros que também, diga-de passagem, não era sopa não... Já estava novamente apaixonada, desta vez por um cigano, muito simpático...

Don Juan tem de arranjar uma mulher inglêsa e loira para bancar sua espôsa. E, aconselhado pelo hospedeiro, vai procurar uma, justamente num baile à fantasia que se realiza na casa de D. Gonzalo. Neste baile há uma série de confusões e Don Juan realiza novas aventuras. Nem Inês, a filha do Comendador escapa. Mas Don Juan encontra um velho rival, D. Luís Mejia. Êste, depois torna a encontrar-se, na hospedaria, com Don Juan, de quem perde no jôgo. E com o jôgo vem um duelo de espada. Mas a sua espada, como o seu coração nunca se rendeu a ninguém. Sucedem-se as brigas e num acesso de valentia e, possívelmente de amor próprio ferido, Don Juan profere ofensas contra a filha do Comendador D. Gonzalo que está presente e o desherda públicamente, mas não sem as ameaças daquele que era odiado pelos homens e amado pelas mulheres...



Para humilhar o Comendador, Don Juan projeta raptar e seduzir sua filha Inês. Assim, numa festa realizada no acampamento dos ciganos, a qual Inês assiste na companhia do pai e muito bem vigiada por numerosa guarda, Don Juan impele uma manada de touros sôbre a multidão, que foge tomada de pânico. E êste é o momento escolhido pelo aventureiro para se apoderar da filha do fidalgo. Inês é transportada por Don Juan para um velho moinho abandonado. Mas... pela primeira vez, o sedutor vacila, detem-se, e não leva a cabo os seus tenebrosos intentos. Vencido, pela primeira vez. Vê que está perdidamente apaixonado pela angélica fidalga. Êle que queria fazer sofrer e chorar... Quem chorou foi êle...

Aí o negócio fica muito sério neste penúltimo episódio. D. Luís de Mejia e o velho Comendador D. Gonzalo encontram a morte na espada de Don Juan. O aventureiro sente que está irremediàvelmente perdido. A sua cabeça está novamente a prêmio. Mas aparece Lady Outiveiros, que agora é uma sua grande amiga e com seu auxílio consegue voltar a ver Inês com o intuito de a raptar outra vez, para levá-la para bem longe.

Alguém o denuncia e, quando vai sair do palácio de D. Gonzalo de Ulloa, onde Inês se preparava para professar, é capturado e mortalmente ferido, após encarniçada luta. A amargurada Inês chega a tempo de o ver. E, ante a morte juram amor eterno, combinando voltarem a encontrar-se um dia mais tarde, lá, mais além das estrêlas...



Filmes em Hollywood, bailados em Londres, a Ópera de Paris e o Scala de Milão formam a cena internacional para a famosa Tamara Toumanova.

BALLET é uma das mais completas formas de arte, pois reúne o drama, a pintura, a poesia, a música e a dança clássica. Ballet, ou seja uma forma teatral da dança, é uma arte moderna. A dança, em si, é pré-histórica — "e a história do ballet é apenas um fragmento na história da dança", escreve o famoso Arnold Haskell. O ballet nasceu na Itália, mas cresceu e começou a tomar a forma de espetáculo que conhecemos e aplaudimos hoje, combinando música, drama e dança, na côrte de França, levado pela rainha Catarina de Medicis em 1581 — e daí os nomes franceses para todos os seus passos e movimentos. Um dos mais ilustres bailarinos foi o próprio Rei-Sol, que dançava nos espetáculos com sua côrte — e foi êle o fundador da Academia Nacional de Dança, em 1661. O conjunto de regras que se tornou a arte da dança clássica, nesse brilhante período, teve o seu historiador em Noverre, com suas célebres "Cartas". No princípio do século XIX, a Itália passa a ser o centro do ballet, especialmente com a fundação da Academia de Dança em Milão, em 1837, tendo o seu sistema codificado por Carlo Blasis. O romantismo inspira novo sucesso do ballet na França, mas em breve, tanto aí como na Itália, êle entra num período de decadência — enquanto vai atingir o seu maior prestígio na Rússia imperial.. Desde Pedro O Grande, a dança clássica fôra

O MAPA DO BALL

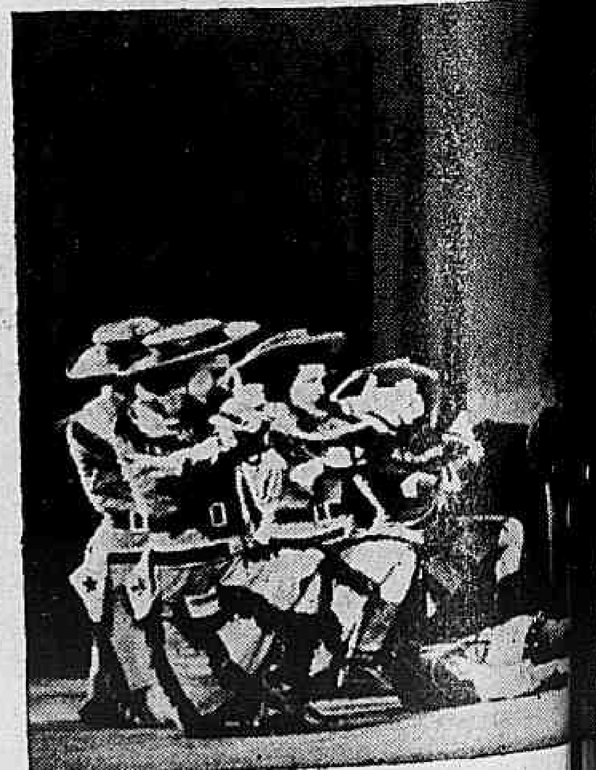




A tradição clássica se prolonga até ao Rio: Tatiana Leskova em "Giselle".

introduzida na Rússia, mas sòm... guinte teve a fundação da sua ... que até hoje floresce. Um fran... a concepção do ballet russo d... culo XIX e início dêste: o bril... técnica dançante era o grande... ficou assim preservado numa fo... decaía no resto da Europa. Os... grande evolução que deveria su... de Michel Fokine, coincidem c... à Europa ocidental. Os célebr... Diaghileff e o grupo de Anna... mundo, dando novo prestígio a... tornando-se os alicerces do m... conhecemos hoje. Pavlova val... dança, em si — Diaghileff va... conjunto, como grande arte, ou... artes. E Paris era a capital do...

— —



Ao lado, bailado clássico segundo a concepção moderna americana: "Billy the Kid" no repertório do Ballet Theatre.



Um exemplo do chamado "Bailado Branco": o tradicional "Lago dos Cisnes" dançado por Moira Shearer, do ballet inglês.

LET

Por JACQUES CORSEUIL

...no reinado se-
...mia de Dança,
...Petipa, domina
... o fim do sé-
...a perfeição da
...tivo. O ballet
...pura, enquanto
...eiros sinais da
...om as criações
...volta do ballet
...lets Russes de
...va correram o
...arte esquecida,
... ballet, como
... o artista da
...a o ballet em
...de reunião das

O desaparecimento de Diaghileff, e logo em seguida o de Pavlova (1929 e 1931) motivaram um eclipse. Seus artistas espalharam-se pelo mundo, sementes de futuros florescimentos. Em 1932 houve o primeiro renascimento importante, em Monte Carlo, com a grande companhia que mais tarde se dividiria em duas: o Ballet Russe de Monte Carlo e o Original Ballet Russo, do Coronel de Basil, nosso familiar em três temporadas. Os dois grupos continuaram dançando para o oeste, conquistando a Inglaterra, as Américas do Norte e do Sul, afirmando nessa travessia a completa democratização do ballet clássico. Antes, uma arte da exclusividade de certa classe, êle passou a atingir o grande público, conquistando ainda um fator precioso para o seu florescimento constante: um público de ballet. Bai-

(Cont. na pág. 32)





O mais popular dueto do bailado clássico: o "Cisne Negro" aqui dançado pelo russo Yuskewitch e a americana Mary Ellen Moylan.

Controlando a reação do Cinema...





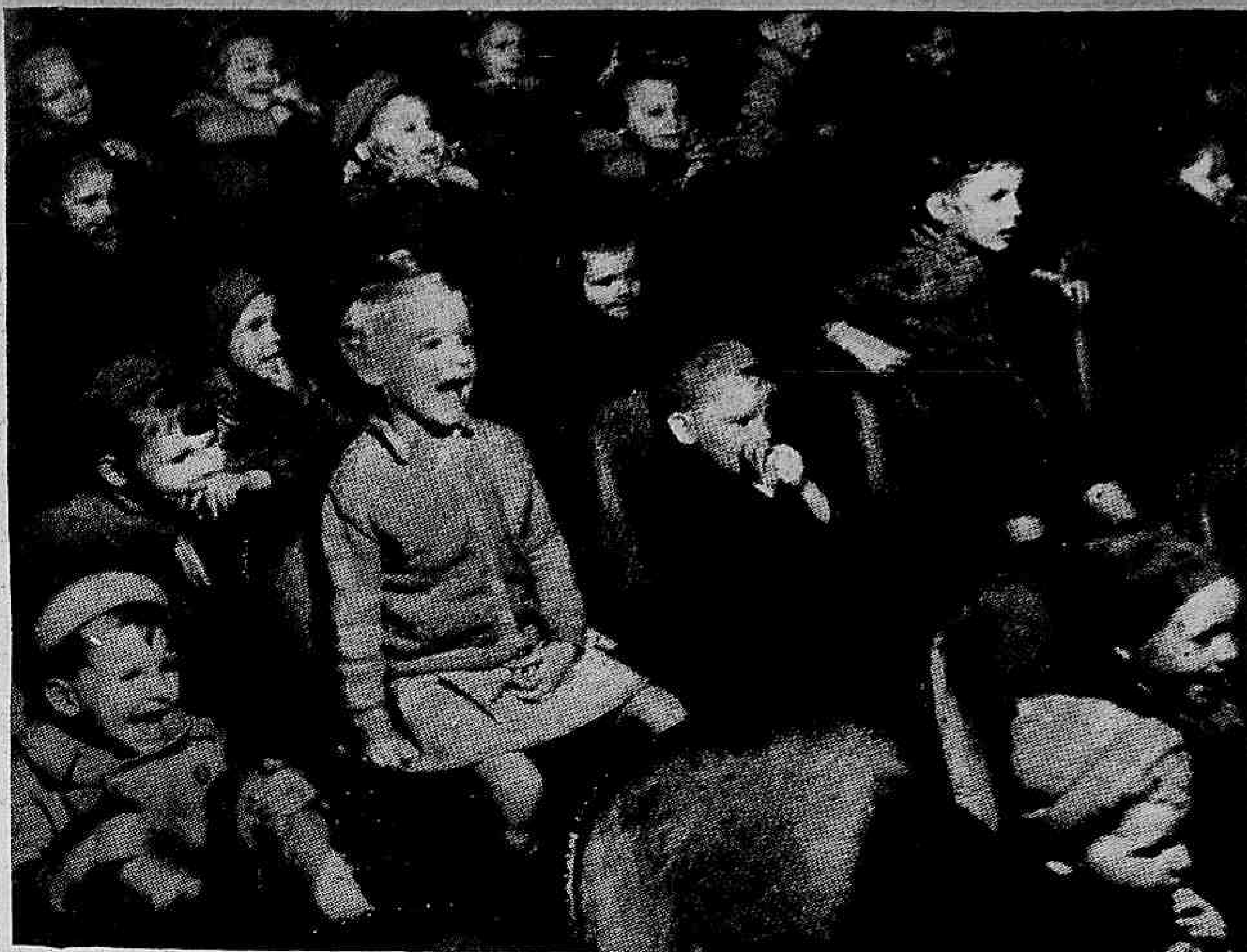
NA primavera de 1948, diz Ellen Siersted, psicólaga de crianças, o diretor do Centro Cinematográfico do Estado, na Dinamarca, Ebbe Neergaard, propôs-me estudar os efeitos que os filmes produziam nas crianças. Observaríamos as crianças durante as exibições dos filmes e fotografaríamos também as suas reações. Escolhemos, então, crianças do "Jardim da Infância" e das duas primeiras classes do curso primário, crianças, portanto, de 3 a 8 anos. As fotografias ficaram a cargo de Lund Hansen. Fazer uma análise aprofundada de cada criança em particular, era impossível. Não só porque traria grandes complicações as próprias crianças, como para realizá-la, seriam necessários alguns anos de observação e os recursos de que dispunhamos, eram insuficientes. Resolvemos, então, agir em condições de liberdade, tão grandes, quanto possível, isto é, pedimos aos professôres de não fazer recomendações às crianças para ficarem quietas durante a exibição, e também, de não lhes fazerem perguntas sôbre o que tinham visto. Deixar que elas contassem segundo a compreensão de cada uma. Enviamos aos pais de cada criança, uma fórmula que êles deviam preencher, dando-nos as impressões que o filme havia produzido sôbre seus filhos. Êsse processo, por razões de educação, respeito pelos pais, etc., pouco nos esclarecia, é certo, mas nos permitia fazer uma idéia da influência de um programa para a média das crianças. Com alguns filmes que nos serviam para o nosso escôpo, exibimos nas suas próprias escolas, fotografando as reações que iamos observando. As crianças ficaram duplamente encantadas com o filme e por serem fotografadas a magnesium. Mas estas fitas diferiam muito das destinadas as crianças nos cinemas, já porque a projeção era feita na própria escola, já pela confecção do programa.

Nesse tempo, conseguimos arranjar películas infra-vermelhas que nos permitiam fotografar na obscuridade, e decidimos continuar os nossos estudos num cinema de verdade e organizar um programa que se aproximasse, o mais possível, dos programas comuns. Escolhemos um filme de Walt Disney "Os Três Porquinhos" e um outro filme "Bom Dia, Animais" que mostrava os animais nas florestas, na fazenda e no Jardim Zoológico. O programa terminava com um filme de Tarzan. Para melhor controlar as exclamações das crianças, foi instalado um gravador de som com os microfones em tôda a sala. Antes de proceder as observações pròpriamente ditas, organizamos uma exibição de ensaio para dois ou três grupos de Jardim de Infância. Os problemas técnicos eram assim melhor resolvidos. E agora, com as películas infra-vermelhas e o magnesium negro, as crianças poderiam ser fotografadas de maneira que elas não suspeitassem sequer estarem sendo fotografadas. O fotógrafo agia oculto dentro de uma pequena cabine que era levada ao cinema antes da exibição e cujas paredes exteriores eram pintadas da mesma côr da sala. Com duas câmaras, o fotógrafo devia fotografar ao mesmo tempo as crianças e a cena do filme que passava na tela. Comparando as duas chapas podia-se, então, controlar melhor as reações.

Os filmes que escolhemos compreendiam grande número de elemento de horror, sem, no entanto, fazerem parte do gênero sinistro. Para execução dêsse programa, tinhamos, de início, 250 crianças do Jardim de Infância e 350 das classes primárias, de níveis social e disciplinar, também diferentes. O esquema estatístico mostra que em 600 crianças as quais foi perguntado se já tinham visto filmes, 34 responderam que não. 59 sentiram-se agoniadas com a lembrança dos filmes, 55 entre elas já tinham sofrido terrores noturnos. Tôdas as outras, cêrca de 500 confessaram que acharam muito engraçado. Examinando-se, porém, as fotos e as gravações e juntando as minhas próprias observações entre as crianças no ambiente, durante a exibição, tem-se a impres-

Durante a exibição de «Noite de Natal»





são de que reações emotivas estão longe de ser divertidas. Isso prova o quanto é preciso ser prudente, querendo-se tirar conclusões baseadas em declarações de uma criança feitas a um adulto. E' preciso tem em conta todos os fatôres que intervém na ligação entre a criança e o adulto, sobretudo porque a criança é muito dependente dêsse último. As fotos mostram-nos que a princípio as crianças ficaram muito interessadas e com grande desejo de se divertirem. A medida, porém, que os filmes foram passando, o sorriso ia morrendo, cedendo lugar a seriedade e a agonia, e nessa altura, é raro ver-se uma fisionomia sorridente. O filme de Tarzan provocou agonia , e nessa altura, é raro ver-se uma fisionomia sorridente. O filme de Tarzan provocou agonia e inquietude entre as crianças mesmo não lhe compreendendo a ação. Uns choraram, outros corriam para junto das professôras que se encontravam no fundo da sala, outras ainda vaiaram os negros que são os vilões do filme, e outros queriam sair a tôda a fôrça. Grande número dentre elas cedendo ao cansaço e ao mêdo, punham-se a correr e a brincar dentro da sala. A exibição durou pouco menos de hora e meia. A maior parte estava cansada. Ao fim de 35 minutos, levantavamse, brincavam durante vinte minutos e voltavam a ver o filme. De um Jardim de Infância muito disciplinado, os garotos não se levantaram e quase não soltaram exclamações, durante a sessão, mas terminada esta, muitos sentiram palpitações no coração, outros cólicas e alguns estavam em estado febril. De outra escola, de disciplina menos rigorosa, em que as crianças tinham mais liberdade, começaram a chorar e a pedir que as levassem para casa, quando começou o tiroteio entre brancos e prêtos em luta. O programa não era adaptado ao estado de evolução das crianças. Aos seis ou sete anos, é a idade da aventura, onde tudo pode ser realidade e o impossível é possível, a cadeira de casa é um barco. Eis por que não sòmente o filme de Tarzan, mas igualmente o desenho animado produziram uma viva impressão. A diferença da reação depende da liberdade da criança e esta liberdade varia não sòmente segundo a educação dos pais, mas ainda o meio em que vivem e o tipo de escola que frequentam.

Há, portanto, uma série de novas observações que cabem neste relatório mas deixemos isso aos que se especializam no assunto.

Vamos ver agora como as crianças reagiram diante de um programa especialmente organizado para elas. As crianças do Jardim de Infância viram um filme russo, adaptado pelo Centro Cinematográfico do Estado, mostrando animaiszinhos de tôda a espécie que brincavam juntos. "O Sonho de Natal", filme tcheco, de bonecas que se animam e dansam, para terminar com um desenho animado. As classes primárias viram também "Chico", um bonito filme americano que conta as aventuras quotidianas de um rapaz mexicano. Diante dêsse, os garotos davam demonstração de muito mais atenção e calma. Divertiram-se loucamente e ficaram muito interessadas, sem manifestar uma grande variedade de formas de reação.

"O Sonho de Natal" foi um achado. Provocou uma tempestade de júbilo. Em "Chico" os escolares acompanharam com grande interêsse as alegrias e tristezas e perigos a que no México pode estar espôsto um menino da mesma idade dêles.

O receio de que uma cobra o mordece, constituiu o ponto alto da emoção. Nessa altura êles advertiam aos gritos ao herói da tela e ficaram contentíssimos quando o perigo passou. Sem tom pretencioso de moralizador, nem recorrer ao insulso romantismo, mas com o calor da vida, êsse filme mostra às crianças um pouco do mundo que as cercam e o desenho animado lhes ofereceu um pouco de gargalhadas, que é muito importante para nós todos e muito mais para as crianças.





Na exibição de Tarzan

Paixão à primeira vista

No dia 20 de novembro do ano passado, às seis da tarde, Vittorio Gassmann, ou melhor, Vittorio Di Heinrich Gassmann, entrava no bar Rosati na rua Veneto de Roma e encontrando um amigo, perguntou: — Você nota em mim alguma cousa de diferente? O amigo depois de observá-lo bem, notou apenas um bonito lenço amarelo enrolado no pescoço e sob o seu sobretudo marron. Gassmann sorriu. O amigo não tinha reparado que êle estava com a bochecha inchada por causa de um dente. Gassmann estava mesmo por conta do atoa. Não dava bola para cousa alguma. E uma hora mais tarde, estava perdidamente apaixonado. Sim, completamente louco de amor. Tinha encontrado Shelley Winters. Paixão a primeira vista, que economiza m u i t o tempo. Gassmann já a via em seus sonhos. Era ela a tal, aquela nossa metade, a cara metade que as vêzes se torna em metade cara. Gassmann nunca a tinha visto, nem em filmes nem em fotografias. Shelley Winters estava em Roma há seis dias com uma carta de apresentação para o grande ator, que lhe tinha dado uma das irmãs Dowling, conhecida dêle do tempo de "Arroz Amargo". Mesmo no dia anterior, Gassmann tinha sido convidado para um cock-tail em homenagem a Shelley mas êle nem tinha ligado, já mesmo porque, antigo desportista, mantém aquela máscara de que a bebida estraga a saúde, esta cousa que a gente já sabe. O cock-tail tinha sido na casa de Frank Latimore, ator americano que há muito vive na Itália. E Gassmann nada tinha o que fazer. Mas, como iamos dizendo, encontrou a atômica loura. Mais tarde já estavam dansando no Rivoli, até a elegante casa da rua Lombardia fechar as portas. O garçon aproximou-se dêles às oito da manhã e, delicadamente, disse não podia esperar mais, para não assustar a sua família...

Vinte horas mais tarde, ela embarcava para a América, obrigada naturalmente. Uma semana depois Gassmann estava em Paris dando grandes telefonemas para Hollywood onde Shelley estava filmando. E isto durante sete dias seguidos... No oitavo dia chegava a Paris um telegrama para êle: "I Feel Alone"... O intérprete de "Arroz Amargo" e que há bem pouco tempo nos deslumbrava no Municipal em "Oreste", pegou o primeiro avião e seguiu para Hollywood, isto é, Arizona, onde rodava os exteriores de "Untamed". Há muito que já decidiram o casamento a realizar-se em outubro próximo, pois até lá Vittorio pensa conseguir a anulação do seu casamento com Nora Ricci, filha aliás do conhecido ator Renzo Ricci. Os jornais da Califórnia o chamaram de "Romeu Voador"...

E já vão aparecer juntos num teatro americano na comédia de Clifford Odets em que êle fará o papel de um diretor italiano para desculpar o acento.

Gassmann tem uma combinação senão um contrato para vir para São Paulo trabalhar na Vera Cruz e no Teatro. Virá agora? E a propósito de Shelley, ela nasceu em 1.º de setembro de 1922.



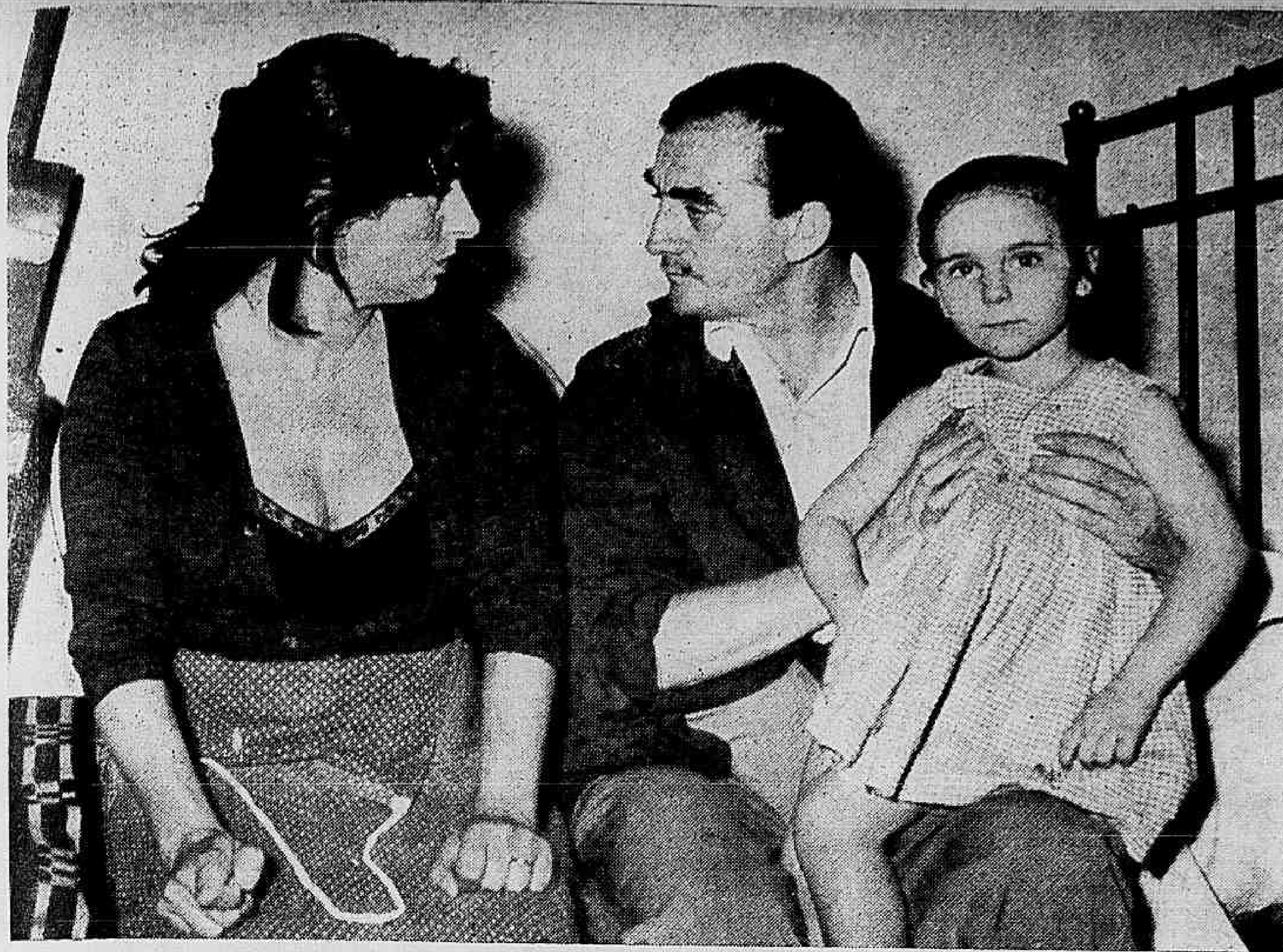
Gassmann estava num dia de «spleen» quando chegou... chegou Shelley Winters...



Shelley Winters e Graig Stevens, em «Phone Call From a Stranger», da Fox

Shelley e Gassman





Durante os trabalhos da filmagem de «Belíssima». An na Magnani,, o diretor Luchino Visconti e Tina Ipicella.

Palavras de *Luchino Visconti*

INTERROGADO sôbre quais foram as razões que o fizeram dirigir "Belíssima", um argumento, pelo menos aparentemente, diferente daqueles realizados anteriormente, Luchino Visconti, uma das grandes personalidades do cinema italiano, disse:

— A escolha de um argumento em vez de outro não depende exclusivamente da vontade do diretor. E' necessário, também, uma combinação financeira que permita a sua realização. Depois que tive de renunciar "Cronache di Poveri Amanti" e "La Carrozza del Santissimo Sacramento", salvo D'Angelo me propôs êste "soggeto" de Zavattini. Aceitei porque há muito que desejava dirigir um filme com Anna Magnani, já prevista para o argumento. Interessava-me fazer uma experiência com uma autêntica personagem com a qual se pudesse dizer algo mais interior e significativo. E depois eu queria saber o que resultava: eu como diretor e a Magnani como intérprete. E o resultado foi magnífico. Luchino modificou todo o argumento. O protagonista passou a ser um operário. A história se passava num bairro Annibaliano que foi mudado. Uma das personagens, uma menina, estava posta de lado. Êle a passou para uma das principais figuras. Modificou também o papel de Anna Magnani, uma mulher que deseja fazer de sua filhinha uma estrela de cinema. E durante a filmagem fêz uma série de outras modificações, diferentes daquelas traçadas por Zavattini. Também os diálogos foram completamente mudados.

— Neste ponto me foi muito útil a Magnani, porque com ela se pode trabalhar de improviso. Ela tem uma prosódia de sabor muito popular e não distôa das outras personagens. E tanto Gastone Renzelli, o operário, e a menina Tina Apicella corresponderam a minha expectativa. Especialmente esta, que demonstrou uma inteligência e uma habilidade pouco comuns. Depois de quinze dias, conhecia todos os truques da profissão. Ela tinha de chorar numa cena. Ficava calma e tranquila até a hora de começar. Quando se batia a "claquete" começava a chorar e quando se dava o "stop" parava imediatamente. Isto mais de vinte meses e lembre-se de que ela só tem cinco anos e meio.

Perguntado sôbre o método seguido para obter as reações dos artistas não profissionais, Luchino continuou:

— Sugiro apenas e os deixo fazer à sua maneira. Lentamente, com grande trabalho de colaboração, vou modificando, vou conseguindo uma grande dose de verdade. Deixo sempre uma margem de diálogos e ação, antes e depois da cena útil. Êste método é também funcional com a Magnani que "a frio" nunca conseguiria encontrar frases felizes. Ainda é Visconti que fala: — A continuidade é, para mim, apenas um rascunho. A cenarização me serve como base e a estrutura do filme precisa de estar sempre presente, mas não se pode predizer a ação nem os diálogos. Nos filmes realistas as personagens precisam dizer as coisas de um certo modo, que é preciso procurar. Aliás, penso que o autor de um filme deve ser um só: o diretor. Com êste método, nasce o verdadeiro filme. O mais importante é a escolha dos artistas, dentro dos seus papéis. Concluída, uma boa parte do filme está pronta.

Foi observado, então, a Visconti que êste método não daria resultado em todos os gêneros de filmes. Que talvez fôsse necessário, às vêzes, atores absolutamente donos da técnica e da prosódia e com cultura necessária a certas representações, mas Visconti respondeu:

— Cada um tem o seu ponto de vista e no que se refere a atores, insisto em afirmar que se êle tem talento e "instinto" realmente cinematográfico, pode-se exigir dêle o que de mais difícil quiser.

Foi perguntado a Visconti se neste caso êle não "dublava" as palavras dos maus atores e êle afirmou:

— Não, eu filmo com som direto. De Sica, é certo, faz "doblar" os seus artistas, mas eu acho que assim está tudo acabado e perde o senso. Como já disse, quando há talento pode-se conseguir a frase mais difícil. Mas o caso é que sempre se descobre onde êles estão e a Itália está repleta dêles. Nos concursos só escolhem as pernas bonitas e não a personalidade. As "misses", em geral, são muito bonitas mas são cretinas, não sabem articular uma palavra, não sabem mover-se. Só pensam em assinar um contrato e ganhar muitos milhões, não observam, não estudam e se tem algum talento, perdem logo.

Sôbre a diferença entre o teatro e o Cinema, Visconti assim se expressou:

(Cont. na pág. 34)

Amei e errei

(THE STRIP)

Produzida por JOE PASTERNAK

Stan Maxton	Mickey Rooney
Jane Tafford	Sally Forrest
Fluff	William Demarest
«Sonny» Johnson ..	James Craig
Edna	Kay Brown
Orquestra	Louis Armstrong
Arti	Tommy Retting
Detective Bonnabel.	Tom Powers
Behr	Jonathan Cott
Boynton	Tommy Farrell
Paulette Ardrey	Myrna Dell
Frieda	Jacqueline Fontaine

Filme da Metro Goldwyn
Dirigida por LESLIE KARDOS
Produzida por JOE PASTENAK

A ação do filme nos conduz a uma das mais famosas vias do mundo: Sunset Boulevard, em Hollywood, uma das avenidas principais da capital do cinema americano.

Mickey Rooney está no papel do jovem Stan Maxton, que acaba de ser licenciado do Exército. Estava livre daquela disciplina rígida e dos toques de corneta logo ao romper da aurora. Agora não queria saber



coisa alguma de corneta. Sonhava era ser bateria de uma orquestra que não fôsse do Exército. Mas não tinha uma chance.

A "gaita" já estava curta e desgraçadamente alguns amigos o convencem de ganhar algum "dinheiro fácil" trabalhando para um indivíduo chamado Sonny Johnson, chefe de um verdadeiro sindicato de jogadores. E, como se isto não bastasse para complicar a sua vida, vê uma loura. Êle é pior do que o Grande Otelo, não pode ver louras.

Jane Tafford era, na verdade, um caso muito sério. A pequena gostava da mesma sobremesa. Stan ficou tomado dos mais puros sentimentos. Jane era a cigarreira dum cabaré e tinha aspirações de tornar-se uma estrêla de cinema. Fazia, como fazem tantas outras, agüentam os empregos mais humildes e mais incondizentes com as suas personalidades para poder permanecer em Hollywood com esperança de que um diretor as vejam e ache que "aquela é justamente o tipo que procuro"...

Para ajudá-la, e com ingenuidade, Stan, que é o nosso Mickey Rooney, resolve apresentá-la ao seu chefe, que "tem grandes influências nos estúdios"...

Só mais tarde é que Stan vê a



asneira que fêz e que está arriscado a perder a sua noiva. Um mundo de complicações se seguem. Mas tudo acaba bem. A ação se passa para todos os centros de diversões de Hollywood e Stan acaba por conseguir alcançar o seu tão almejado pôsto de bateria de uma orquestra. E não sabemos se vocês sabem que Mickey Rooney toca bateria de verdade. Êle faz misérias. E Sally Forrest, que faz o papel de Jane, é uma grande bailarina. Mickey ama, erra, mas depois acerta...





Danielle Darrieux fazendo "test". Mas não é para saber se ela serve para o cinema. Os "tests" não são só para isso. O diretor quer saber como a interessante estrêla de tantos filmes franceses fotografa com certos vestidos... E' para o filme "Five Fingers", da Fox, que no Brasil receberá o tí-titulo de "Cinco Dedos", mesmo.

MÚSICA

A pianista brasileira Marialcina Lopes estreou com sucesso em New York. A crítica americana está cheia de elogios a nossa patrícia que agradou bastante, principalmente na interpretação da Balada em Fá menor de Chopin.

★

Foi fundado o «Clube dos Cantores Líricos» com a finalidade de apresentar peras sintéticas, por sessões e em curtas temporadas. A iniciativa pertence ao «Grupo Lírico de óperas em Revista».

★

Em Paris, o pianista brasileiro Hélio da Silva realizou um recital na «Casa da América Latina». O Embaixador brasileiro e sra. Ouro Prêto estiveram presentes. Hélio da Silva interpretou músicas do maestro Villa Lobos.

★

Em Teresópolis foram encerrados os trabalhos do Terceiro Curso Internacional de Férias Pro-Arte.

★

Já está nos Estados Unidos, o maestro Eleazar de Carvalho que dirigirá novamente a Orquestra Sinfônica de Boston, tendo já regido a de Cleveland.

★

No Rio e em São Paulo pela segunda vez, o violinista argentino Professor Abel Fleury, considerado um dos mais perfeitos artistas dêste gênero na América Latina. No seu variado repertório, estão incluidas composições de Villa Lobos e Lourenço Fernandez.

★

Está no Rio o «regisseur» Bronislaw Horowicz, um dos mais conceituados do ambiente artístico europeu. Já foi ator e depois de cursar o «Institut National d'Art Theeatral» resolveu dedicar-se a «mise-en-scene». Trará para a temporada brasileira a sua experiência e sua capacidade em «Il Matrimônio Secreto», de Cimarosa, e «Prisonnier», de Luigi Dallapiccola; no «Maggio Musicale Fiorentino», por «L'histoire du Soldat», de Strawinsky; no Teatro Novo de Milão e no São Carlo, de Nápoles, por ópera de Falla e «Le Chateau de Barbe Bleu», de Bela Bartok. Horowicz também é compositor e autor.

★

«A Cena» receberá e publicará notas musicais de todo o Brasil.

★

William Alwyn, compositor inglês, foi contratado pela Norma Productions para o «score» musical do filme «The Crimson Pirate», filme colorido com Burt Laucaster que será apresentado pela Warner Brothers.

★

Brodosqui, no Estado de São Paulo vai ter um novo cinema. Trata-se do Cine Santa Amélia, da Emprêsa Carlos Scozzafave.

★

A Art Films S.A., de Ugo Sorrentino, distribuidora de filmes italianos, especialmente, aumentou o seu capital para doze milhões de cruzeiros.

Keith Andes, um "new-comer" do teatro musical da Broadway e Marilyn Monroe numa cena de "Clash By Night, novíssima produção da R.K.O., tendo Bárbara Stanwyck como estrêla.





Correspondencia

MARIA PAULA — (Rio) — Paramount Studios, Marathon Ave, Hollywood, Califórnia. Êle diz que tem 28 anos.

C. NORONHA — (São Paulo) — No próximo número, provàvelmente sairá a primeira apuração.

A. J. MASTROENI — (São Paulo) — Vê-se que o problema das pulgas também existe aí em São Paulo. Não temos espaço, mas voltaremos ao assunto.

G. ROCHA — (São Paulo) — Dirija-se as emprêsas produtoras. Lemos a sua carta com muita atenção, mas não podemos resolver o seu caso.

R. FIGUEREDO — (Recife) — Pode enviar, porque nós nos interessamos muito por estas notícias.

H. MEYER — (Santa Cruz do Sul) — O amigo vem ao encontro dos nossos desejos. Vamos publicar tudo isso, mas muito obrigado e parabens pelo interêsse. O «script» é mais difícil, mas tentaremos conseguir.



Filho de uma grande figura da cena portuguêsa — a atriz Adelina Abranches — e de um empresário muito popular na época — Artur Ruas — Alfredo Abranches Ruas, como que querendo fugir à tradição de família, preferiu ingressar na Faculdade de Medicina de Lisboa. Concluido o 3º ano, e quando tudo levaria a crer que concluiria a formatura, Alfredo Ruas, como que impelido por uma fôrça irresistível, deixa sùbitamente os estudos médicos e entra no teatro, estreando-se precisamente na casa de espetáculos que seu pai dirigia e onde sua mãe, nessa altura, trabalhava — o teatro Apolo. Estava-se, então, no ano de 1910.

A estréia do jovem ator, aos vinte anos, pois nascera em Lisboa a 20 de dezembro de 1890, foi das mais auspiciosas. Tanto, que Alfredo Ruas apegado, como poucos, à sua profissão, nunca mais deixaria de representar.

Alfredo Ruas tem pisado os palcos de Portugal e suas posseções e aqui mesmo no Brasil já veio mais de uma vez.

No cinema, já nos apareceu em «Amor e Perdição», «O Trevo de Quatro Fôlhas» do Chianca de Garcia, «Feitiço do Império». Tomou parte na nova edição de «Amor de Perdição», de Antônio Lopes Ribeiro, «Três Dias Sem Deus», tendo neste filme recebido uma «menção honrosa».

Agora é um dos principais intérpretes do novo filme «Chaimite», que Jorge Brum do Canto dirige presentemente em Moçambique, e onde a ação colonizadora dos portuguêses em África, em meados do século passado, é evocada.

★



Uma cena do muito velho filme italiano, «Assim Quero Viver» que recentemente foi exibido no Rio no Cinema Alice e inaugurou o Cinema Cairo em São Paulo. O segundo da cena, Lo Michelucci (o primeiro é seu irmão), já viveu e trabalhou muito tempo no Brasil. Tenor da Companhia Lea Candini. Representou em todos os Estados do Brasil. Danilo da «Viúva Alegre» e admirável na «Princesa dos Dóllares». Também trabalhou na Argentina, Chile e América Central. Era diretor, também. Ao alto, um seu retrato brasileiro.

A nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Emprêsas de Radiodifusão do Rio de Janeiro

O Sindicato dos Trabalhadores em Emprêsa da Radiodifusão do Rio de Janeiro participa que a nova diretoria para o biênio 1952-53, ficou assim constituida: presidente — Normando Ferreira Lopes (Rádio Tamoio), secretário — Haroldo Perorágio Tavares (Rádio Jornal do Brasil); tesoureiro — Djalma de Miranda Lopes (Rádio Nacional). Suplentes: Carlos Frias (Rádio Tupi); Raul Zanoni (Rádio Tamoio); Manoel Braga (Rádio Mayrink Veiga). Conselho Fiscal: Oldemar Teixeira de Magalhães (Rádio Tupi); Máximo Coutinho (Rádio Mayrink Veiga); e Ivair Duque Estrada (Rádio Jornal do Brasil. Suplentes: Osvaldo Luís Angarno (Rádio Tupi); Moacir Ferrelli (Rádio Globo e Jairo Fernando de Medeiros (Rádio Tamoio).



De Laurentis deu uma festa em Roma. Aqui vemos sua espôsa Silvana Mangano que o Rio já conhece pessoalmente, dançando com Aldo Tonti, o fotógrafo de «O comprador de Fazendas».

★

ALOÍSIO SILVA ARAÚJO, criador e intérprete de «Recruta 23» e «As Cartas do Inácio», além da «Cadeira de Barbeiro» e outros atrações da Rádio Mayrink Veiga, renovou contrato com a PRA-9. Aloísio continuará na Rádio Mayrink Veiga por mais outras programações para a PRA-9, nos moldes que o fizeram querido dos ouvintes de tôdas as idades.



Linda Batista na EUROPA

Linda Batista já está em Portugal. Quando apareceu para se despedir, perguntaram:
— Mas, Linda, você tem coragem?
— Que é que há, meu bem? Gaita...
— Mas logo nas vésperas do Carnaval?...
— Ah, não me faça chorar! Eu estou aqui fazendo uma fôrça enorme para não molhar o lenço e você toca logo nisto!

Na verdade, se por um lado Linda está contentíssima com a oportunidade que teve para mostrar a música brasileira em Portugal, onde foi inaugurar o cine-teatro Monumental, partindo em seguida para Espanha, França e Itália, em cujas capitais soltará a sua "bossa" para acabar com esta história de se confundir samba com rumba, por outro lado, Linda estava bem triste, porque deixa o Brasil, os amigos, e tudo isso com o carnaval à porta. Mas ela explica:

— A inauguração do Monumental está marcada para o dia 23, os cartazes anunciando a minha chegada já foram espalhados, agora tenho de ir.
— Quando volta?

— Ah, dentro de dois ou três meses. A Rádio Nacional me deu uma licença de três a quatro, graças à boa-vontade de Vítor Costa.

— Quer dizer que esta viagem é um grande golpe.

— Se é... São 90 mil cruzeiros com tudo pago. Dá uma olhada só no telegrama que pede confirmação do contrato.

QUATRO GRAVAÇÕES PARA DEPOIS DO CARNAVAL

— Que repertório leva?
— Levo tudo e mais trajes de baiana, sendo um verde e amarelo e com êste pretendo exibir-me em todos os palcos.
— E a gente fica por aqui esquecido, hein?
— Não, senhor. Deixo quatro gravações para depois do Carnaval: "Foi Assim", de Lupiscínio Rodrigues; "Casada sem ter Marido", de René Bittencourt e Francisco Alves; "Monotonia", de Fernando Lôbo e Paulo Soledade; e "Na Colheita", uma composição de meu pai com H. Ponce, escrita há 30 anos e que agora apresento em ritmo de baião.
— Ótimo.

Gente de RÁDIO



Quem é esta? Simplesmente a trepidante Marlene, quando nem sonhava com o Rádio e o Cinema



Matinhos, uma das maiores figuras do rádio-teatro. Notabilíssimo em todos os programas. O seu «Não guento», na «Cidade Alegre» da Tupi será inesquecivel



Na boite Bambu, de São Paulo: Heleninha Costa e Ismael Netto, ou melhor, Ismael de Araújo Silva Netto e senhora, ainda em lua de mel. O nosso «badalante» amigo César de Alencar. João Dias, o cantor revelação da Rádio Bandeirantes. Enita a notabilíssima a rina dos bons tempos da Urca e Copacabana e uma das intérpretes do filme «Fogo na Cangica». E Hélio de Araújo orientador da «Hora da Peneira» da Rádio Cultura. César de Alencar, entre outras cousas, foi apresentar a São Paulo, a marcha que gravou com Heleninha, «Acho-te uma graça» que foi um autêntico sucesso do Carnaval.

Rotação 33...

Isaurinha Garcia gravou para R.C.A. um samba de Paulo Soledade e Fernando Lobo, «Tanto Amor».

★

E' com satisfação que registramos a volta a cêra do Bororó. O seu bolero, «Leviana», cantado por Heleninha Costa sairá no próximo suplemento da Sixter. Desde «Cor de Pecado» e «Curare» que o Bororó não aparecia...

★

Lúcio Alves vem aí com quatro lindos sambas, entre os quais «Que Seja Eu», de Marino Pinto e Mário Rossi.

★

Mary Gonçalves, a nova «Rainha do Rádio», gravará na Sinter um samba canção de Marino Pinto e Paulo Soledade, «Perdida».

★

Evaldo Rui e Dorival Caymi prometem duas bombas para breve.

★

Na quinta-feira, tem mais...

R.G.M.P.

GRANDE "ENQUÊTE" DE A CENA

EM COLABORAÇÃO COM AS RÁDIOS CLUBE E CONTINENTAL

QUAIS OS MELHORES DO CINEMA NACIONAL EM 1951?

CONTINUA movimentando a atenção dos fãs o grande certame que instituímos em combinação com a Emissora Continental e Rádio Clube do Brasil, para a eleição dos "Melhores do Cinema Brasileiro em 1951".

Centenas de votos encontram-se, já, em poder da comissão apuradora, que espera, na próxima semana, apresentar os primeiros resultados do sensacional concurso.

Empenhados em ver vitorioso os artistas de sua preferência, os eleitores estão, do mesmo modo, a concorrer aos prêmios que são oferecidos aos votantes da nossa "enquête", uma razão a mais a justificar o grande interêsse registrado.

INSTRUÇÕES PARA OS VOTANTES

1. O "Voto" ao lado deverá ser preenchido em letra bem legível.
2. Compreende-se por "ator" e "atriz" as figuras que tiveram papéis PRINCIPAIS nos filmes exibidos.
3. Não é necessário indicar o nome da fita em que tenham trabalhado; basta citar o nome do astro e da estrêla.
4. Não serão aceitos votos que não vierem acompanhados do respectivo "COUPON".
5. Os coupões devem ser rigorosamente preenchidos, sem o que não serão tomados em consideração.
6. Cada leitor terá direito, exclusivamente, a UM VOTO.
7. As fitas que tomarão parte neste certame são as que foram lançadas no decorrer de 1951 no Rio de Janeiro, cuja lista fornecemos abaixo.
8. Êste concurso será encerrado a 29 de fevereiro, não se computando os votos que chegarem depois dessa data.

FILMES QUE CONCORREM

(Lançados em 51 no Rio)

- ★ CASCALHO
- ★ MAIOR QUE O ÓDIO
- ★ AVISO AOS NAVEGANTES
- ★ TERRA SEMPRE TERRA
- ★ CORAÇÃO MATERNO
- ★ ANJO DO LÔDO
- ★ O MEU DIA CHEGARÁ
- ★ TOCAIA
- ★ HÓSPEDE DE UMA NOITE
- ★ SUSANA E O PRESIDENTE
- ★ MILAGRE DE AMOR
- ★ O COMPRADOR DE FAZENDAS
- ★ MARIA DA PRAIA
- ★ AÍ VEM O BARÃO
- ★ PRESENÇA DE ANITA
- ★ GARÔTA MINEIRA
- ★ FALSO DETETIVE

CORRESPONDÊNCIA:

Os votos devem ser remetidos para:
"QUAIS OS MELHORES DO CINEMA BRASILEIRO"
Redação de A CENA
Rua Visconde de Maranguape, n.º 15
Rio de Janeiro.

PRÊMIOS PARA OS VENCEDORES

a) Serão conferidas estatuetas simbólicas, especialmente confeccionadas aos vencedores do certame.

b) Será realizada uma solenidade, em dia hora e local que serão oportunamente anunciados, com a presença das celebridades do Cinema Brasileiro, quando, então, será feita a entrega dos prêmios.

PRÊMIOS PARA OS LEITORES

a) Cada leitor que enviar o seu "voto", terá direito a receber uma fotografia autografada, do astro e da estrêla eleitos (desde que o seu voto haja contribuido torná-los vencedores).

b) Serão sorteadas seis assinaturas anuais de A CENA entre TODOS os votantes, sorteio êsse que será realizado na solenidade da entrega das estatuetas.

VOTO

MELHOR FILME:

....

MELHOR ATOR:

....

MELHOR ATRIZ:

....

MELHOR DIRETOR:

....

COUPON:

Nome ....

Pseudônimo (não é obrigatório) ....

Rua ....

Cidade .... **Estado** ....

Assinatura (indispensável) ....

....

Pequenas perniciosas



Lana Turner em "Viúva Alegre"

Monique Lewis

Joyce Mac Kenzie

O MAPA DO BALLET

(Cont. da pág. 19)

lados o ano todo e a preços de cinema. Em 1936, sete companhias diferentes dançavam ao mesmo tempo na Inglaterra.

Londres ainda é hoje a capital do ballet — incomparável, asseguram todos, pelos bailados e o público que possui. Ninette de Valois, antiga participante do ballet de Diaghileff, é a principal responsável por ter criado o Sadler Wells com suas estrêlas (Margot Fonteyn, Helpman, Moira Shearer) o ballet nacional organizado, com um lar, uma base firme e não oscilante como as outras companhias nômades. Além do Sadler Wells, que se desdobra hoje em duas companhias, há o Ballet Rambert, ballet de câmara, que serve de experiência para os novos dançarinos e coreógrafos inglêses. Há o International Ballet, com Mona Inglesby e Algeranoff, grande companhia itinerante, cujo forte é o repertório dos velhos bailados tradicionais em tôda sua extensão. Há o Festival Ballet, formado pelos famosos Alicia Markova — Anton Dolin, segundo o estilo "Ballet Russe" em artistas e repertório. E ainda na capital inglêsa, acaba de ressurgir, depois de quatro anos fora do mapa do ballet, o Original Ballet Russe. Não tem mais o seu animador, o Coronel de Basil, mas é dirigido por duas figuras da velha guarda: Grigorieff e Madame Tchernicheva.

Paris guarda ainda a sua ascendência espiritual sôbre o ballet, pois tem a Ópera, o mais antigo "foyer de la danse" — não falando nos estúdios e escolas das "ballerinas" imperiais que vivem exiladas na cidade-luz: Egorova, Preobajenska, Kchessinska... Serge Lifar, que deu vida nova ao bailado francês, adormecido durante quase um século, ainda domina a Ópera de Paris — apesar das "étoiles" locais ou eslavas: a convidada Toumanova e a permanente Vyroubova. E' indiscutível a sua influência sôbre outros bailados e artistas de França. O antigo Nouveau Ballet de Monte Carlo, de sua criação, passou a ser o Ballet do Marquês de Cuevas — organização de estilo internacional, combinando talentos americanos (Rosella Hightower), franceses (Serge Golovine) e russos (George Skibine).

O Ballet dos Champs-Elysées, criação de um fugitivo da Ópera (Roland Petit) e do auxiliar de Diaghileff (Boris Kochno) causou justa sensação há uns seis anos. Perfeita fusão de música, pintura e bailado, êle traduzia idéias novas e arrojadas por meio da dança tradicional. A brilhante companhia está hoje num período de "quarto minguante". Roland Petit afastou-se para criar o seu "Les Ballets de Paris" (com as sensacionais Renée Jeanmaire e Colette Marchand), o mais parisiense dos ballets, com criações extravagantes que chegam à fronteira da comédia musical... A outra metade dos Champs-Elysées, também se dividiu com a saída de Kochno e a transferência de Jean Babilée e espôsa, Natalie Phillipart, no seu repertório especial (Le Jeune Homme et la Mort) para os Estados Unidos.

O impulso americano nestes últimos dez anos tem sido notável, fazendo de New York uma grande metrópole do ballet. E' cada vez maior o número de escolas de dança; grandes professôres e personalidades famosas aí se fixaram. O Ballet Rnsso de Monte Carlo (o que resta da renascença de 1932) prossegue popularizando o bailado, dançando todos os anos de costa à costa do país, cada vez mais americano nos artistas que o formam. Mas guarda sempre a magia do ballet russo antigo pelo repertório de Leonide Massine e a presença de Alexandra Danilova, a última das bailerinas imperiais. Êste ano, Danilova deixou a companhia, que tem como primeiras figuras a francesa Yvette Chauviré e o russo Oleg Tupine.

O Ballet Theatre pode ser chamado o pioneiro da nacionalização de um teatro de ballet, combinando grande variedade de estilos, ao redor de bailados tìpicamente americanos, para a criação de uma "galeria ambulante da dança". O seu elenco, essencialmente ianque, é chefiado pelo russo Yuskevitch e a cubana Alicia Alonso.

O New York City Ballet, o maior sucesso do momento na América, é o pioneiro na formação de um ballet nacional desde a raiz, tendo como base a grande escola do American Ballet. O seu repertório é formado na maioria pelas criações abstratas e musicais de George Balanchine e tem como artistas, Eglevsky (russo), Hugh Laing (inglês) e muita gente nova americana, chefiada por Nora Kaye.

Além dessas grandes companhias, há vários grupos menores como o Ballet Variante (de Mia Slavenska), o Impe-

(Cont. na pág. 34)

A PONTE DA ESPERANÇA

(Cont. da pág. 5)

seus planos, fazendo produções exclusivas para a Multifilmes, de São Paulo.

O primeiro filme de Civelli, neste seu novo plano de trabalho para a Multifilmes, foi baseado neste fascinante motivo de emigrantes, muito bem explanado na novela "Ogiu cielo é azzurre", de Ugo Chiarelli, com adaptação sua e de Guido Sonnino; roteiro e diálogos de Vão Gôgo. A equipe técnica conta com nomes credenciados como Bohdan Kostiw, ucraniano, técnico de som; Gino Tálamo, italiano, montador e cortador, responsável, entre as 64 fitas de sua carreira, por "Perdidos na Escuridão"; Jacques Deheinzelin, diretor de fotografia; Francisco Mignone, responsável pela partitura.

O elenco foi cuidadosamente escolhido para que os tipos se casassem perfeitamente com as personagens do original: Ilka Soares, Luigi Picchi, Jaime Barcelos e Waldemar Seyssel (Arrelia), são os principais, cabendo a direção a Armando Couto.

Para se julgar a capacidade de trabalho de Civelli, basta dizer que o filme foi rodado em apenas 29 dias, excluindo-se, claro, a preparação do cenário e os trabalhos posteriores de montagem e trucagem. Os que tiveram oportunidade de ver o filme, em sessões exclusivamente privadas, estão bem impressionados. Duas edições serão feitas, uma em português e outra doublada em italiano, para distribuição na Europa, tendo já garantida a distribuição na Itália.

"Modêlo 19" (A Ponte da Esperança) é, portanto, um filme cujo tema ainda não foi explorado aqui no Brasil, atingindo, indiscutìvelmente, não só o mercado nacional como também o estrangeiro. Do ponto de vista comercial não resta dúvida que será bem aceito; quanto ao artístico, a julgar pela equipe que o realizou, não pode deixar algo a desejar. Tanto mais se levarmos em conta que "O Comprador de Fazendas", considerado "o melhor filme nacional de 1951" pela Associação Brasileira de Críticos Cinematográficos, foi uma produção de Mário Civelli. Assim esperamos.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso.

CALVÍCIE PRECOCE

Como evitá-la!

JUVENTUDE ALEXANDRE

Super eficaz contra QUÉDA DOS CABELOS

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

PIER
ANGELI
(M.G.M.)







BALLET

(Cont. da pág. 32)

rial Ballet (de Nana Gollner), o Ballet Studio (de Igor Scwezoff) não falando nos bailados da escola moderna, como o grupo de Martha Graham e outros.

A Rússia continua com seu ballet como era nos tempos imperiais, segundo nos informam os livros e alguns filmes. Há, na Itália, grande renascença devido à iniciativa do coreógrafo Aurel Milloss, em Roma, e ao Sscala de Milão, trazendo famosos dançarinos e coreógrafos. O Ballet Jooss voltou à atividade em Essen e excursiona pela Alemanha. Copenhague com seu ballet de pura tradição acadêmica, um dos mais antigos que existem; Buenos Aires com sua grande organização no Colon, sempre em atividade; Havana com o seu Ballet Alonso podem ser incluídas como cidades principais no mapa do ballet — enquanto que Belgrado, Praga, Viena, Stockolmo, Sidney e outras possuem seus bailados, mas de reflexo puramente local.

No Brasil, a reabilitação, a compreensão e a popularização da arte do ballet tem sido muito mais lenta, embora o Rio tenha tido o reflexo de todos êsses movimentos em bailado. Quase tôdas as grandes companhias aqui dançaram, sucessivamente, desde os tempos da Pavlova e dos "Ballets Russes" — e muitas vêzes deixaram sementes. Quando não artistas de seu elenco, ao menos exemplos e inspirações que temos procurado seguir, às vêzes sem grande segurança, mas sempre o imenso desejo de possuir também o nosso ballet. Muitos dançarinos, professôres, críticos e admiradores do bailado estão trabalhando sempre para êsse desenvolvimento. E os resultados até hoje têm sido: o corpo de baile do Teatro Municipal, o Ballet da Juventude (Schwezoff), o Ballet Society (Leskova) e o Conjunto Coreográfico Brasileiro (Veltchek). Mas temos ainda muito que aprender e trabalhar, sempre em contato com os grandes conjuntos que mantêm a tradição do bailado, assim como suas grandes figuras, para que o Rio possa ser também uma cidade de importância no mapa do ballet.

DESFAZENDO A LENDA DE...

(Cont. da pág. 13)

gosta de se divertir ao mesmo tempo que trabalha num filme, teve que interpretar uma cena particularmente difícil, sob a direção de Cecil B. De Mille. O rapaz suou, mas no final recebeu os cumprimentos de De Mille. Vic respondeu com tôda a calma: "Vá por mim, C. B. e você breve estará usando diamantes!" Houve uma pausa. Todo o pessoal da filmagem ficou observando a reação do diretor veterano. De Mille olhou surprêso para Mature, mas logo em seguida um sorriso abriu-lhe o rosto. E todos o acompanharam. Êle gostou da ousadia, do senso-de-humor e do talento de Vic. Aliás, a piada do artista foi uma profecia, pois "Sansão e Dalila" foi o filme que mais dinheiro deu ao estúdio, no ano passado.

Mature confessa que se sai bem com suas piadas atrevidas, por causa de seu rosto.

— Olhe para esta cara — diz êle. — Pareço estar sempre pensando profundamente ou resolvendo sério problema. Posso estar morrendo de mêdo, no íntimo, mas estou sempre com a cara de quem anda roendo unhas como dieta diária.

Assim é Victor Mature — tudo inesperado. E nisto está um dos segredos de sua imensa popularidade. Êle não é cópia de nenhum outro artista ou de outra personalidade que vocês conheçam. A verdade é que não há outro como Victor Mature.

POSSO MARCAR A DATA DA...

(Cont. da pág. 8)

Paramount, produtor, **Hal Wallis**, astros, **Dean Martin** e **Jerry Lewis**. O filme começa no dia 23 de abril, quatro semanas de filmagem, garantia a Carmen, salário — $25.000.

Depois do filme... já está quase certa a sua viagem pela Inglaterra, Suécia, Dinamarca, Bélgica e França...

Quando pudemos respirar um pouco com tanta novidade, Carmen perguntou-nos: — Posso marcar a data da minha viagem ao Rio?

PALAVRAS DE...

(Cont. da pág. 23)

— Também no teatro é necessário escolher atores que possam dizer determinadas frases com sinceridade e naturalidade. O Cinema e o teatro têm funções diferentes, servem para dizer coisas diversas. O cinema tem meios que permitem penetrar nos ambientes da realidade cotidiana e o teatro para trazer ao público certos textos.

Depois de falar sôbre o problema político do seu filme "La Terra Trema", foi perguntado a Visconti o que êle achava da corrente néo-realista italiana.

— Penso que é melhor falar de realismo simplesmente. Sem dúvida, trabalho nesta direção. No meu modo de ver, o grande êrro de Germi e mesmo de De Sica, com tôda a estima que lhes dedico, é de não partir de uma realidade social efetiva. Existe tudo aquilo, mas finais como os de "Miracolo a Milano" e de "Il Camino della Speranza", na realidade social não existem. Quer-me parecer que se trata de uma perigosa mistura de realidade e romantismo. Na conclusão de "La Terra Trema" existia mais promessa e esperança. Não se deve sair da realidade.

Perguntado sôbre a situação do cinema italiano atual, respondeu:

— A situação é desastrosa. O problema mais grave é o do argumento. Só aparecem assunto tão ruins que chegam a banalidade. Estamos, de novo, em decadência. Mas o que chama o Senhor de um bom argumento? — perguntaram.

— O argumento é apenas uma palavra. Uma idéia. Uma palavra, às vêzes que se movimente e que dê ao diretor a oportunidade de criar.

Muito bem. Visconti, para fazer Cinema de verdade, nada de livros e de histórias. Êstes que desejam história que vão relembrar o "Judex" e "Os Mistérios de Paris". "A Última Gargalhada" era apenas um homem que perdia um emprêgo. "Big Parade" era um soldado americano que encontrava o que todo mundo encontra na França: uma francesinha.

TODOS OS ESPORTES!

TODOS OS TIMES DE FUTEBOL,

EM CÔRES, VOCÊ ENCONTRARÁ

NO ANUÁRIO

DO

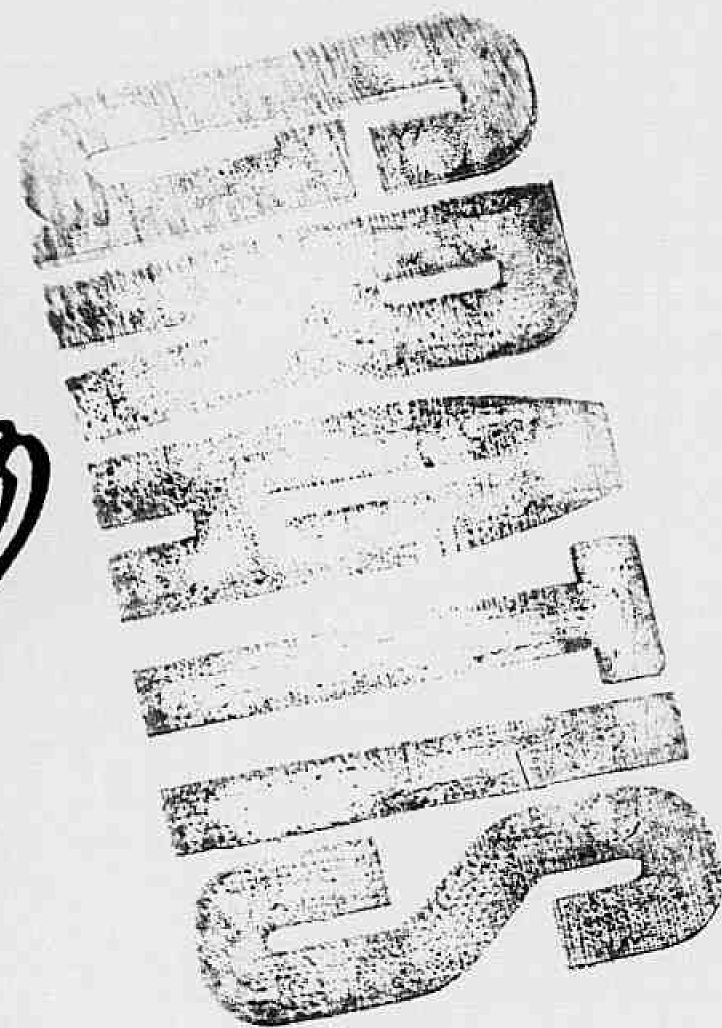
ESPORTE Ilustrado

de 1952

BREVEMENTE EM TÔDAS AS BANCAS

UMA VERDADEIRA ENCICLOPÉDIA ESPORTIVA





ATENÇÃO!

Em diversas localidades do interior do país já se encontra esgotada a grande edição do

ALMANAQUE EU SEI TUDO

o maravilhoso livro dos mil assuntos, para 1952.

Entretanto, a Cia. Editôra Americana — Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio — ainda dispõe de alguns exemplares que podem ser enviados aos interessados pelo reembôlso postal. Preço Cr$ 25,00 — um livro ilustrado com quase quatrocentas páginas, contendo calendários, informações sôbre o ano, um romance completo, contos, histórias, etc.